

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Rafael Lucas Gomes Soares

**A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE AS ARTES MARCIAIS,  
LUTAS E ESPORTES DE COMBATE: ANÁLISE NOS PERIÓDICOS DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Goiânia

2016

Rafael Lucas Gomes Soares

**A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE AS ARTES MARCIAIS,  
LUTAS E ESPORTES DE COMBATE: ANÁLISE NOS PERIÓDICOS DA  
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para a finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Marcel Farias de Sousa.

Goiânia  
2016

## DEDICATÓRIA

Ninguém é feliz sozinho, já me disseram. Dedico este trabalho aos guerreiros ‘fefianos’ que junto a mim, jamais, me deixaram cair na tentação de desistir. Das confissões possíveis que me pediram, disse que havia negado a amizade de alguns, mas percebi que no fim havia apenas outros poucos comigo. É perceptível que não houve suor individual e talvez, se pudesse molhar a impressão deste trabalho, haveria de cada amigo, cada bom companheiro um pedaço por cá.

Por fim, mas em qualquer outra ocasião em primeiro lugar. Dedico este pedaço de mim aos meus familiares. A cada bronca que veio por parte de minha amada mãe, a mulher da minha vida. Por cada preocupação e apoio vindo de meu pai e por parte de meus irmãos. E por cada lembrança chorosa que me vem sobre meu amado avô, insinuando que sim, era preciso estudar.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao orientador Prof. Marcel Farias de Sousa, pelo auxílio e proposições sobre o andamento e construção deste trabalho.

Aos professores e funcionários da Universidade Federal de Goiás que pontual e aleatoriamente contribuíram no aspecto motivacional durante a minha vida acadêmica.

Aos bons amigos que estiveram e continuam comigo dentro e fora da graduação.

Aos meus familiares, mas principalmente aos meus irmãos. Meus amados e preciosos irmãos.

Nosso maior medo não é sermos incapazes. Nosso maior medo é não saber que nós somos poderosos, além do que podemos imaginar. É a nossa luz, não a nossa escuridão que mais nos assusta. [...]

Enquanto permitirmos que nossa luz brilhe, nós, inconscientemente, damos permissão a outros para fazerem o mesmo. Quando nós nos libertamos do nosso próprio medo, nossa presença automaticamente libertará outros.

(Marianne Williamson)

## RESUMO

A presente pesquisa objetivou identificar como está o cenário de produções acadêmicas no Brasil, no que se refere ao posicionamento da Educação Física pesquisas que tenham relação interpretativa sobre artes marciais orientais, lutas e esportes de combate. A pesquisa parte da análise sobre os dados adquiridos em revistas disponíveis na internet, dentro dessa proposta foi encontrada a imagem que as artes marciais têm no cenário nacional das produções acadêmicas publicadas, tendo-a como inicialmente deficiente, porém nova - fatores que acabam se justificando. Dentro de um prazo de dez anos para publicações (2005 – 2015), construiu-se a busca por documentos usados para compor a amostragem, chegando ao número total de 125 títulos encontrados em 22 revistas on-line que compõem a delimitação para a busca dos mesmos. Tendo em vista o número de documentos encontrados no prazo já dito, vê-se necessário expandir a distribuição informativa sobre o conceito atribuído e o significado histórico que as lutas e as artes marciais carregam a fim de trazer cada vez mais possibilidades para a discussão sobre o tema.

Palavras-chave: Artes Marciais – Lutas – Esporte de Combate – Educação Física.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>GRÁFICO 1</b> - A origem das publicações.....	pg. 33
<b>GRÁFICO 2</b> - Produções por área de conhecimento.....	pg. 35

## **LISTA DE TABELAS**

- TABELA 1** - Periódicos da Educação Física e número de publicações encontradas.....pg. 32
- TABELA 2** - Distribuição detalhada das produções acadêmicas.....pg. 34
- TABELA 3** - Sobre a produção acadêmica geral em Artes Marciais/ Lutas/ Esportes de combate nos últimos dez anos.....pg. 36
- TABELA 4** - A produção pela categorização e seus conhecimentos.....pg. 37

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	pg. 07
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	pg. 08
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	pg. 10
<b>CÁPITULO 01: CONTEXTUALIZANDO AS PRÁTICAS MARCIAIS</b> .....	pg. 14
Esportivização e a influência social.....	pg. 22
Artes marciais e o espaço na educação física e na formação no ensino superior em Educação Física.....	pg. 27
<b>CAPÍTULO 02: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	pg. 30
Caminho metodológico.....	pg. 31
Resultado e análise.....	pg. 33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	pg. 38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	pg. 41
<b>ANEXOS</b> .....	pg. 43

## INTRODUÇÃO

A ideia que norteia a pesquisa se condiciona através de uma análise bibliográfica sobre produções acadêmicas da Educação Física publicadas no Brasil. Das particularidades destas publicações espera-se que seu conteúdo esteja atrelado com a temática das Artes Marciais fundamentadas na cultura oriental.

O trabalho se sustenta na divisão estratégica de dois capítulos, que representam também dois momentos fundamentais para a apresentação da pesquisa: a) a apresentação e contextualização das Artes Marciais na perspectiva social, filosófica e de domínio cultural; b) e na apresentação do domínio teórico acadêmico e interpretação dos dados adquiridos a partir da delimitação proposta pela metodologia adotada para a realização do estudo.

Identificado anteriormente que o trabalho está estruturado para suprir a parte de fundamentação e representatividade das Artes Marciais orientais, excluindo aqui trabalhos relacionados a capoeira. E neste aspecto, será afirmada a ideia e caracterização sobre o processo de apropriação e interpretação da cultura que se encontra fora do mundo ocidental que segundo Edward Said (*apud* SOUSA, 2010) convencionou-se a chamar de orientalismo.

A discussão sobre o orientalismo se dá através do processo de globalização. Sobre essa troca de abordagens, Sousa (2010) diz que, existe um duplo movimento que se caracterizam pela ‘ocidentalização’ do oriente, e a ‘orientalização’ do ocidente, de forma que produtos culturais dos dois lados tenham alguma influência sobre ações e interpretações dos dois pontos. Exemplos que podem ser colocados através da culinária, literatura, cinematografia, entre outros.

O caráter do orientalismo surge a partir de produções teóricas que indicam uma forte diferenciação em relação as tradições ocidentais, sugerindo uma sociedade indecifrável. E isso se deve à força representativa, principalmente, das abordagens culturais japonesas.

[...] ainda que estejamos em contato com alguns elementos da cultura oriental, as tradições milenares dos países do Extremo Oriente ainda causam estranheza. É comum identificarmos o Japão à noção de —outro, uma nação diferente de —nós. As literaturas e as produções teóricas de japonólogos reforçam esse sentimento, sugerindo uma sociedade enigmática, indecifrável. (SOUSA, 2010. p. 31).

O ‘japonólogo’ consiste na apresentação de rituais, formas de expressão e cultura do território japonês, tendo em vista a forte representação cultural, social e a popularidade de suas expressões. E toda a representação enigmática não se volta simplesmente aos modos e

caracterização social, mas também traz reflexos da política local e posicionamentos relativos à sua postura frente aos critérios e tradições políticas e sociais europeus e americanos.

A interpretação que é feita na troca já dita, é caracterizada por Sousa (2010) através do ‘outro’, leituras interpretativas que são feitas através da imitação, da apropriação de algum costume e até mesmo da exposição do ‘outro’. E devido a esse formato de leitura, o ocidente se apropriou de movimentos, abordagens e técnicas de lutas marciais tradicionais do oriente.

A orientalização do ocidente traz consigo a interpretação, e isso retoma a ideia do ‘outro’ enigmático, das lutas que foram semeadas no cenário brasileiro. Tal fenômeno surge com a vinda de imigrantes japoneses incentivados a vir para o país, no início do século 20. Período esse em que se dá a vinda de Mitsuo Maeda (conhecido também como Conde Koma) ao Brasil junto a um grupo de lutadores e a consequente disseminação da prática do Judô.

A interferência cultural existente se dá através das próprias manifestações das lutas e a possibilidade de apropriação cultural, o que permite novas interpretações e adaptações do ser humano ou da própria modalidade. Exemplo disso está na prática e envolvimento cultural no país com o judô e a capoeira. Sendo a modalidade de luta proveniente do Japão um forte símbolo de apropriação no território nacional devido à quantidade de imigrantes e a posterior competição olímpica, enquanto na capoeira, os fatores de representação surgem enraizados à história do país.

No que diz respeito à capoeira, é importante destacar que a mesma é considerada patrimônio cultural pelo Ministério da Cultura face sua forte inserção social em decorrência de sua origem e desenvolvimento no Brasil. No entanto, olhar este processo nos permite ver um caminho cheio de barreiras que esta prática sócio-cultural enfrentou, sendo considerada marginalizada e que poderia trazer outras significações (religiosas) que feriam o pensamento hegemônico cristão no país. (SOUSA, 2010. p. 12).

Logo, torna-se possível trazer a afirmativa de que a representação das artes marciais no Brasil vem de períodos anteriores à vinda de imigrantes. E isso se dá através da Capoeira, que era então empregada como meio de defesa no sistema escravocrata, e que na atualidade é tida como patrimônio cultural brasileiro.

A interpretação das artes marciais no Brasil toma um sentido diferente ao sentido inicial, característico ao oriente. A origem da prática que tinha objetivo de defesa e funcionalidade de guerra assume, na atualidade, outra significação. Ainda que a filosofia das práticas e suas técnicas sejam parcialmente preservadas, as lutas modernas assumem um caráter esportivo e apresentam elementos de cultura corporal, que consistem em que acolher práticas de cunho histórico, culturalmente concretizadas e resultantes como patrimônio

contemporâneo passível de modificações da época em que se dá. Para Pimenta (2008), através da evolução das práticas e dos avanços determinantemente sociais, adquirem o símbolo esportivo.

[...] a partir de um processo de evolução na estrutura do pensamento, do místico ao racional (que contribuiu para um processo de secularização das atividades corporais e conseqüentemente das artes marciais), do avanço do capitalismo (culminando em processos de valorização das atividades físicas como produtos específicos voltados para a acumulação de bens econômicos) e, conseqüentemente, de um crescente aumento da veiculação das atividades físicas nos meios de comunicação, as artes marciais orientais, atividades criadas com fins inicialmente bélicos e propedêuticos, adquiriram características de esporte, visam a competição, a rivalidade, os benefícios extrínsecos e a vitória a qualquer preço (PIMENTA, 2008, p.2).

E dessa forma, carrega objetivos inseridos ao meio social capitalista, fugindo da iniciação da defesa pessoal, e do cultivo de práticas de cunhos místicos e religiosos.

Sobre o material que compõe a pesquisa, será caracterizado pelo levantamento e categorização de produções teóricas no cenário brasileiro, seguindo qualificações atribuídas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. É de interesse que sejam descobertas e analisadas as condições das obras publicadas nos periódicos nacionais da Educação Física e que tenham em algum momento abordado as artes marciais, analisando e discutindo a sua relevância no cenário acadêmico, contextualizando diferentes caminhos e exigências.

A ideia inicial é norteadada pela realização de um levantamento sobre as produções publicadas em revistas nacionais da Educação Física, tendo em vista as delimitações qualitativas das obras para que contribuam efetivamente com a pesquisa, desta forma, os documentos inseridos na base de dados desta pesquisa estão classificados entre A1 e B4 segundo o Quali CAPES tendo sido publicados entre os anos de 2005 e o primeiro trimestre de 2015. Tendo a problemática deste tema identificar como as Artes Marciais, são consideradas para contribuição teórica as vertentes históricas, culturais, sociais, pedagógicas, biodinâmicas, entre outras possibilidades.

Sobre os instrumentos metodológicos envolvidos, identificam-se: a coleta de dados; amostragem e análise de dados. Fatores que dão condição para o desenvolvimento de uma pesquisa quali-quantitativa.

O trato da pesquisa objetiva de forma geral identificar o cenário de produção nacional sobre artes marciais, trazendo ainda em suas especificidades reconhecer abordagens, apresentar as obras publicadas e analisar, dentro de um aspecto total, a publicação destas.

Para melhor justificar a pesquisa, é interessante retomar conceitos de Deslandes *et al.* (1994), condizentes ao questionamento de que contribuições para a compreensão, intervenção ou solução para que o problema traga contribuições para o avanço científico. De modo que a pesquisa justifica-se na necessidade de conhecer melhor a produção acadêmica brasileira, trazendo sentido ao levantamento teórico que exista a fim de abordar a temática das artes marciais e esteja relacionada ao cenário da Educação Física.

## CAPÍTULO 1

### CONTEXTUALIZANDO AS PRÁTICAS MARCIAIS

As práticas marciais são atividades que ainda possuem suas origens com determinadas indefinições, como sobre o nascimento da prática, podendo crer que muitas delas são bastante antigas. Pensando em seu desenvolvimento, há características em algumas práticas, que, se encontram presentes em sua evolução desde o início das civilizações: elas se materializam nas formas de expressões corporais como as ações fundamentais de chutar, agarrar, utilizar instrumentos, entre outros. Tais fundamentos são expressões surgidas em contextos de conflitos e guerras. Também se desenvolveu algumas manifestações que portam ritualidades, comportamentos éticos e símbolos, como a própria expressão *Artes Marciais* que tem sua origem relacionada ao deus Marte (deus da guerra) na mitologia greco-romana. Assim, isso pode ser compreendido e defendido perante a palavra de Sousa (2010) ao afirmar que as lutas marciais são uma das manifestações mais antigas do mundo e que surgiram principalmente em situações de garantia da sobrevivência.

Ainda que o reconhecimento da origem seja incerto, a literatura indica caminhos que abordem tradições e atividades que possam ser identificadas como mais uma manifestação original das lutas marciais. A partir da ideia de reconhecimento da origem das artes, Reid e Croucher (2004) começam a especular a sua origem indicando alguns fundamentos e a tradição secreta do leste indiano, sobre o ensino e prática de lutas, neste caso a especificidade do kalaripaiyt. Estes mesmo autores elencam que as práticas marciais possuem uma forma de transmissão de seu conteúdo (tradição oral e a própria prática) que não permitem fundamentações empíricas destas:

Um estudo da história das artes marciais não pode ser mais do que um conjunto de especulações baseadas num pequeno número de fatos conhecidos. Os mestres de antigamente não revelavam seu conhecimentos com facilidade. O privilégio de conhecer as técnicas e a sabedoria que eles acumulavam no decorrer de anos de dedicação só era conhecido a uns poucos. São abundantes as histórias de jovens que aguardavam anos e anos pela honra de poder entrar no campo de prática e que, depois de entrar, eram proibidos de partilhar com os ‘de fora’ o conhecimento adquirido com o treinamento. (REID; CROUCHER, 2004, p. 23).

Sobre a possibilidade de aprofundamento nesse caminho, os autores supracitados reconhecem, além dos princípios originais da própria arte, as vertentes que dão forma à construção de cada caminho específico a ser seguido. Assim, é necessário para a compreensão, buscar a identificação das propostas, técnicas e rituais competentes às artes

marciais, desde os aspectos históricos de forma que os possa relacionar aos conceitos fundamentais desta arte ainda nos dias atuais.

Quando existe a busca sobre a compreensão do que seja a, é condicionado o sentido de posicioná-la enquanto cultura corporal e também como prática corporal, restando assim contemplar ambos os conceitos. A luta, enquanto possuidora de caráter de movimento social ou prática de sobrevivência, assume também em determinados momentos características socioculturais presentes nas sociedades de sua origem.

Sousa (2010), a partir da teoria da ação social<sup>1</sup> em Max Weber, define lutas quando houver ações orientadas pelo propósito de colocar alguma vontade contra a resistência do adversário, o que não determina exatamente o combate, mas pode caracterizar a concorrência. São definidas dois tipos de formas de lutas: 1) aquela relacionada a seleção, cuja a própria integridade do sujeito ou do grupo social possam estar sob risco e; 2) aquela que se dá no campo das discussões e embates de ideias, com a tentativa de sobrepujança de uma sobre a outra.

Logo, a representação das lutas perante o conceito de artes marciais pode ser encontrado quando, após suas possíveis definições de prática de sobrevivência ou até mesmo da vontade contra a resistência do oponente, possa existir em algum tipo de grau o conflito. Conceito que acaba sendo adotado no território oriental, compondo a história e assumindo as tradições.

A construção ideológica da luta pode ser identificada como instrumento da cultura e das práticas corporais. Isso acontece através da possibilidade de interpretar de diferentes formas a caracterização social que adere aos critérios e às filosofias do estilo de luta. Mesmo havendo oportunidade para a segmentação destes dois termos, existe entre eles um elo fundamental para a consolidação das lutas marciais, já que as práticas corporais são fenômenos que levam, através da corporeidade, a significação do ato cultural que se desenvolve, reafirmando junto de Silva *et al.* (2014):

As práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, no plano corporal, constituindo-se em manifestações culturais de caráter lúdico, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. (SILVA-*et al in* GONZÁLEZ, 2014, p. 522).

<sup>1</sup> Ação social é toda ação orientada para o outro e que possui sentido para ambos. Uma ação que só possui sentido para um, não é ação social, pois necessita haver correspondência e sentido por um grupo social. Assim a sociologia weberiana se orienta a compreender as ações sociais (WEBER *apud* SOUSA, 2010).

Sobre a cultura corporal, Neira e Uvinha (2009) colocam sua tradução em uma parcela da cultura mais ampla, integrando as conquistas materiais e simbólicas específicas de uma sociedade. Encontrando em seu caminho a mesma área de ação das práticas corporais e se estruturando no condicionamento textual de outros autores:

Betti (1993) refere-se à cultura corporal como determinada pela cultura geral ao mesmo tempo em que pode determiná-la no interior de uma relação dialética estabelecida entre as duas. A cultura corporal também pode ser vista como um segmento autônomo da realidade cultural, caracterizado pelo “domínio dos valores e padrões das atividades físicas, dentre as quais destacamos as atividades institucionalizadas, como o esporte, a dança, o jogo e a ginástica” (BETTI *apud* NEIRA; UVINHA, 2009, p.37).

O que chama atenção para as práticas marciais atuais são suas raízes, advindas de métodos de defesa e o culto ao tradicionalismo, exemplo ilustrado por Reid e Croucher (2004) nas escolas do kalaripayit (Índia), ensinamentos tradicionais de Shaolin (China) e as escolas japonesas. Conjunto que ainda traz sentido à arte marcial e semeia novas interpretações. Vejamos brevemente estas manifestações segundo a textualização desenvolvida por Reid e Croucher (2004). Difundido ao sul da Índia, o kalaripayit é a arte marcial caracterizada pelo uso de movimentos em giro e contorções ágeis, sempre sintonizados com a respiração. Tal arte é pouco conhecida fora da Índia, isso se deve ao fato de não haver mestres fora do território indiano. Dentro dos costumes dessa arte, após o ritual matinal de prática infantil, diz-se que os mestres assumiam em seus respectivos povoados a função de médico. A prática é feita por aldeias nortistas e sulistas e possuem suas diferenças, mas nos dois costumes compõem o treino tanto as técnicas sem armas como as com bastões de bambu, o treino com armas diversas e aos alunos mais avançados são ensinadas técnicas secretas de ataque a pontos vitais.

A sistematização inicial das artes marciais chinesas sofre uma forte influência de conceitos filosóficos-religiosos. Segundo os autores anteriormente citados, a China ocupa uma posição de destaque no desenvolvimento das artes marciais há mais de 1500 anos. Suas técnicas e costumes de luta foram transmitidos a outros países por visitantes e por fundamentações de cunho filosófico-religiosas em comum com outros países. Devido à rápida disseminação das práticas de luta de origem chinesa, os ocidentais se deparando com a complexidade e proliferação das artes, aceitaram a divisão genérica em duas escolas principais: as chamadas escola duras/externa e escola mole/externa. As escolas duras se apropriam do princípio de combater determinado ataque com a mesma ideia, a de atacar, enquanto as escolas moles, diz respeito ao uso do ataque do oponente contra ele próprio. No

entanto, ainda que existam diferenças notáveis entre as duas escolas destacadas, é necessário buscar outro pensamento da cultura de origem das artes. Exemplificando através do símbolo de *yin* (termo chinês que significa sombra) e *yang* (termo chinês que significa luz) – os opostos complementares são os princípios fundamentais do universo, ou seja, sempre há um pouco de cada dimensão contrária para complementar o conceito usado. As artes suaves chinesas, chamado de sistema suave ou interno, tem forte relação à filosofia religiosa no país, o Taoísmo<sup>2</sup>.

As escolas de armas do Japão se dão a partir da divisão da sociedade estamentada a partir da divisão social existente, similar ao modo de produção feudal encontrado na história ocidental e a constituição de governos militares (shogunatos). Portanto, nesse período de embate contínuo, os jovens ligados a aristocracia japonesa e as classes *bushi* (guerreira) aprendiam o *bujutsu* (técnicas ou artes da guerra), o *kyu-jutsu* (artes do arco), *ken-jutsu* (artes da espada), *naginata-jutsu* (artes de alabarda), *so-jutsu* (artes da lança), aulas de caligrafia, cerimoniais, poesias entre outras tantas artes dirigidas à educação samuraica. Em contrapartida, no período condizente já se estruturava a escola de combate mais antiga do Japão (1447), onde os ensinamentos de seu fundador continuam sendo transmitidos sem alterações – Tenshin Shoden Katori Shinto Ryu. Segundo a literatura (REID; CROUCHER, 2004) o objetivo da escola era de oferecer aos seus alunos o estudo da arte marcial pura, buscando então aperfeiçoá-la. E todo esse caráter cultural é sustentado ainda hoje, ao contrário do que fora dado como significado à expressão/termo “marcial” nas práticas ocidentais, como o uso de regras e conceitos de guerra. Sensei Choisai, fundador da Tenshin Shoden Katori Shinto Ryu, tinha o nome de sua escola atrelado a uma filosofia baseada na prática pura e/ou celestial:

Choisai Sensei acreditava que havia descoberto os ensinamentos diretos e verdadeiros do deus Futsunushi-no-Kami, adorado no Santuário Katori, e por isso antepôs ao nome Katori Shinto Ryu a expressão *tenshin shoden*, que significa ‘tradição celeste, verdadeira, correta’. Isso nos dá o nome completo da tradição, ‘Tenshin Shoden Katori Shinto Ryu’, que significa ‘a tradição marcial que é o caminho dos deuses’. Como a palavra ‘Shinto’, que significa ‘o caminho dos deuses’, significa o caminho verdadeiro e correto que os homens devem seguir, à semelhança de todas as tradições xintoístas que nos foram transmitidas desde os tempos antigos, está implícita nela a ideia de um caminho que as pessoas devem trilhar com um coração sincero. Ao que parece, foi assim que Choisai Sensei entendeu esse conceito e usou-o em sua tradição marcial (REID; CROUCHER, 2004. p. 148).

<sup>2</sup> O conceito dessa prática está intimamente atrelado às raízes e nas crenças mais antigas do povo chinês. Em virtude dos conceitos taoístas, as artes suaves chinesas tem um caráter naturalista, o que pode ser facilmente relacionado com o uso de formas animais e a interpretação de cinco elementos (metal, água, terra, fogo e madeira) agentes do desenvolvimento natural.

Na época da publicação dos autores supracitados, tem-se o depoimento do atual representante da escola. Mestre Ohtake expõe a ambiguidade inculcada no termo que dá significado à prática ensinada, o ‘*heicho*’. O termo – *heicho* – quando escrito em caracteres japoneses assume o sentido de ‘método do soldado’, já na escrita de característica chinesa traz o significado de ‘calmo’ ou até mesmo ‘pacífico’. Logo, a iniciativa adotada para a divergência terminológica é a de trazer percepção de que o método marcial é sim uma via de combate, mas que a vitória adquirida pela morte do adversário não é uma vantagem genuína e é esse o sentido da paz.

O desenvolvimento do que se tornou o *karate-do* (caminho das mãos vazias) tem origem reconhecida no arquipélago de Ryūkyū, em sua maior ilha que é Okinawa. A técnica de mãos vazias tem sua contextualização ligada à história socioeconômica das nações próximas ao arquipélago, o Japão e a China. Segundo Frosi e Mazo (2011) o *karate-do* é o resultado de um processo multicultural. Por volta do século XIII ou XIV, o sistema econômico trazia um notável desfavorecimento aos *heimin* (camponeses), fator que estimulava tal grupo a se exercitar e contrapor ao governo e aos *peichin* (guerreiros/casta militar). Estes elementos influenciaram a origem desta escola marcial, naquele momento chamado *te* (mãos). Aliado a isso, havia também a proibição do porte de armas à população comum, o que levou ao surgimento de um sistema de defesa que se desenvolveu com técnicas limitadas de agarramentos, empurrões e batidas de ombro, punho e pés. Adiante, a técnica foi apropriada por parte das próprias castas guerreiras e também sofreu influências vindas das práticas marciais chinesas a partir dos marinheiros deste país que faziam visitas rotineiras na ilha. Antes de assumir o nome que carrega ainda hoje, apesar das mais de 60 escolas diferentes da arte, o *karate* usou nomes como *Shimpi To-de* (misteriosa mão chinesa), *Reymio To-de* (miraculosa mão chinesa) e o termo já dito, *Te* (que significa ‘mão’). Historicamente, a prática toma segmentos diversificados como a tomada de posturas, o uso de bases e flexões de membros para efetivar a técnica, porém os *karatê-ka* (homens do *karate*) frisam a unidade da prática, entre eles Gichin Funakoshi (1868-1957) que discordava do uso de Shotokan Ryū para nomear o estilo que representava, acreditando ser o *karate dō* um só caminho.

As práticas marciais resumidamente apresentadas carregam ligações superficiais entre si, simplesmente pelo objetivo que carregam, todas são inicialmente pensadas como meio de defesa. Porém, as questões socioculturais geram diferentes tipos de lutas e diferentes vertentes filosóficas e metodológicas. O processo de transformação de significados e sentidos que percorrem a história destas práticas no contexto japonês faz com que surja o conceito de

Budō. As práticas marciais a partir de sua associação com a religiosidade e espiritualidade desenvolvida no país entendem que as lutas são Caminhos de elevação espiritual, de acesso à divindade, à verdade, bondade e beleza. É uma condição de possibilidade de transcendência espiritual e pessoal, refletindo a ilimitada natureza do Universo e o processo de criação. Isto pode ser exemplificado nos dizeres do *O sensei* Morihei Ueshiba (1883-1969), fundador do aikidō:

Tal virtude gera luz e calor, formando a espada divina da harmonização espiritual entre o céu, a terra e a humanidade; quando a situação emerge, armado com a espada da harmonização e agindo de acordo com os princípios do céu e da terra, pode-se continuamente cortar a falsidade e o mal, limpando assim o caminho que conduzirá à beleza e ao mundo em seu estado original de pureza. Desse modo, quando totalmente despertado, pode-se utilizar de todos os elementos contidos no céu e na terra durante todas as quatro estações do ano. Reformar suas percepções de como o universo realmente parece e age; transformar as técnicas marciais em veículo de pureza, bondade e beleza; e dominar todas essas coisas. Quando a espada da harmonização unindo o céu, a terra e a humanidade se manifesta, somos libertados, capazes de purificar e moldar a nós mesmos- (UESHIBA, 2006, p.29).

Assim, o Budō trata-se do trabalhar e condicionar o espírito à sua máxima elevação partindo inclusive do estado de controle emocional.

O princípio iniciante de seus métodos prega a dedicação às causas nobres, ou seja, é necessária a servidão à vontade dos deuses, além da capacidade de servir também às pessoas. Segundo Ueshiba (2006), no Budō o inimigo é guiado para onde o guerreiro quiser.

No budō, nós guiamos o inimigo para onde quisermos. O propósito verdadeiro dos métodos aqui descritos é ensinar um guerreiro como receber e preencher a mente e o corpo com um espírito de valentia – ele deve polir seu próprio ki e moldar seu espírito dentro dos domínios da vida e da morte. Pratique esses métodos intensamente com sua mente e seu corpo, modifique-se incessantemente, progredindo sempre e cada vez mais, unindo-se ao céu e à terra, e unifique o treinamento com sua iluminação. Compreenda que a mente e o corpo devem ser envoltos pela alma de um guerreiro, sabedoria, iluminação e calma profunda- (UESHIBA, 2006, p.29).

O caminho da servidão aos deuses e às pessoas serve como critério de prova à benevolência e o caminho de valentia trabalhado junto aos ensinamentos absorvidos, pois como pregam os Poemas do Caminho, por Ueshiba (2006, p.32): “No instante em que um guerreiro encara um inimigo, todas as coisas ajudam a dar maior foco aos ensinamentos”.

Com relação a técnica, primeiramente, deve-se haver sinceridade quanto ao grau de interesse proferido ao desenvolvimento e treinamento sobre a técnica. Portanto, quando for identificada a presença de algum tipo de inimigo, é necessário ter autoconhecimento real

sobre tudo o que fora aprendido, o que vem como resposta à vontade divina. O ritual de enfretamento, nesse caso, acontece como um meio invencível que remete ao autocontrole, tanto no aspecto físico como no mental. Dentro desse contexto de provação, Ueshiba (2006) descreve o *yamato-damashii*, que é o princípio por trás da espada divina que revela a alma da nação. Faz-se necessária a apropriação da profundidade nos atos, transformando seu próprio corpo numa verdadeira espada a fim de vencer o adversário.

Além de todo o sentido que é inculcado na prática do Budō, alguns métodos de treinamento são essenciais para a técnica. E sobre eles, relacionam-se as melhores estratégias, presentes em reações ilimitadas.

Siga o curso do Caminho Glorioso, use um para atingir a todos, e assim o uno abrirá o caminho a dez mil princípios vitais; forje as dez mil espadas, avance e persista para obter o máximo possível. Mantenha sempre a mente brilhante como o vasto céu, o grande oceano e a montanha mais alta, vazia de todos os pensamentos- (UESHIBA, 2006,p.34).

A apropriação do Budō toma o caráter da divindade, do controle dos sentidos, mas principalmente da disciplina perante as técnicas, as situações opostas e sobre os ensinamentos de seu mestre nos treinamentos. Ueshiba (1991, p.38) coloca o corpo do ser humano como uma criação do espírito divino, e assim como um breve raio de luz pode dispersar a escuridão, deve-se treinar intensamente, sempre intencionado de que pode ser superior à escuridão.

Quando existe referência ao Budō, são tomados como símbolo três mestres do seguimento, pertencentes a diferentes modalidades dentro da arte marcial: Kano, no judō; Funakoshi, no karate; assim como Ueshiba no aikidō. E quando for interessante, há como argumentar em comparativo sobre os três mestres, suas apropriações e participações na prática do aikidō.

Pode-se argumentar que todos os verdadeiros mestres acabaram praticando o aikido, independentemente da disciplina – seus movimentos tornam-se naturalmente mais circulares e eles confiam mais no timing, no poder do ki e na concentração pura do que na força física ou na técnica mecânica- (STEVENS, 2007, p.139).

A realização dos treinamentos, a apropriação sobre a técnica e a concepção da sinceridade sobre o que se sabe perante o oponente não resume a concepção do Budō. Sua prática é reconhecida exatamente na relação dos elementos céu, terra e humano, resultando no poder de água e fogo que é transmitido pelo poder da relação entre o corpo e o espírito durante a prática ou enquanto perspectiva de enfretamento adverso.

Alçando ao reconhecimento geral sobre o assunto, Gomes (2008) coloca que historicamente o Budō se aproxima do território brasileiro com a vinda dos imigrantes

japoneses. Segundo o próprio autor – Gomes (2003), a palavra significa caminho marcial, e traz consigo conceitos filosóficos, sociológicos, psicológicos e corporais de forma a influenciar no desenvolvimento da personalidade de seus praticantes. As possíveis divisões de maior adesão com relação ao caminho marcial da suavidade acabaram sendo propagadas em práticas como o Judō, o Karate dō e o Aikidō.

O aikidō tem Morihei Ueshiba como nome de maior representação aos conceitos e às técnicas. Sua criação tem uma relação influente com o judō, muito embora sejam práticas, em alguns momentos, às avessas. A palavra ‘*aiki*’ remete à palavra chinesa “*chi*” que significa energia, por sua vez e voltando ao vocabulário japonês, *aiki* chama ao grito marcial de liberação de energia: “*kiai*”.

A palavra sumô vem de ‘*sumai*’, palavra de origem japonesa que faz referência a estrangulamentos ou uso de chaves específicas, aproximando-se do que é o wrestling. Sua origem está atrelada a um desafio por terras ancestrais divinas, que garante a conquista da raça japonesa. Gomes (2008) apresenta o elemento religioso do Sumô como um meio de diminuir as mortes causadas em lutas, associando-o a festival de colheitas. Outras possibilidades de luta surgiram a partir das técnicas do Sumô, como o kumi-uchi e o jiu-jitsu.

O kendō surgiu a partir do kenjutsu, e quando se fragmenta as duas expressões, avaliamos a sua proximidade: ‘*ken*’ significa espada ou lâmina, ‘*dō*’ refere-se ao caminho e ‘*jutsu*’ traz o significado de técnica. O kendō não possui um nome habilitado a sua criação, mas historicamente identifica-se sua criação já no século 19, ao fim do ofício samurai e o frequente desuso de espadas no território devido ao uso de armas de fogo.

O judō apresenta a popularização, isso se deve ao fato de ser uma modalidade olímpica. A origem do *judō* (caminho suave), seguindo afirmações literárias de Stevens (2007), está atrelada à vida acadêmica de seu criador, Jigoro Kano (1860-1938). No fim do séc. XIX, quando encontrou um bom instrutor de jujutsu, mas o estilo adotado fazia uso do *atemi* (golpes em pontos fracos anatômicos) e técnicas de agarramento. Como em determinados momentos as técnicas usadas por Kano se tornaram limitadas, ele buscou influência nas lutas ocidentais e conseguiu tirar proveito adaptando técnicas da luta greco-romana. Após sua graduação pela Universidade de Tóquio, o criador do judō fundou o Kodokan, “Instituto para o Estudo do Caminho”. Jigoro Kano relacionou o judō Kodokan ao budismo Mahayana, segmento que interpretava o indivíduo e a sociedade como um todo. Quanto ao termo judō, já estava em uso haviam séculos, sendo definido como o “caminho que segue o fluxo das coisas”, mas acabou sendo interpretado pelo mestre como “o mais eficiente uso da energia”.

## Esportivização e a influência social

As lutas sofreram e continuam sofrendo modificações no decorrer da sua história. O que toma forma quando se constata a modernização e conseqüente mutação de modalidades advindas da prática do *jujutsu*<sup>3</sup>, fragmentando-se em manifestações diversas, tais como exemplo, o karate dō, o judō e o aikidō. Dentro da articulação teórica de Sousa (2010) o processo de esportivização das lutas acontece justamente nesse contexto de modernização e suas decorrentes transformações. Isto não foi extensivo a todas as práticas, mas algumas vertentes se constituíram com bases nos princípios encontrados no modelo esportivo.

O entendimento do conceito sobre o esporte está presente na sua constituição histórica e no contexto sociocultural de ruptura com as tradições. Stigger (2005) afirma que o esporte atualmente reconhecido tem surgimento no século XVIII, na Inglaterra, quando jogos e tradições populares sofrem mudanças a ponto de romper com o que existia até ali como atividades físico-competitivas. A busca histórica pode confirmar a que diferentes esportes foram praticados antes mesmo da sua denominação, de forma que, tais atividades possam estar vinculadas a ao progresso de modalidades, antes mesmo do reconhecimento e prática social, hoje visto como esporte moderno.

Vindo da avaliação de estrutura dentro dos episódios históricos, políticos e os formatos econômicos sociais onde o esporte se dá, Mandell (*apud* Stigger, 2005, p. 14) define o esporte como “[...] toda atividade competitiva do corpo humano regida por uma série de regras estabelecidas para o alcance de objetivos [...] diferenciados dos aspectos essenciais da vida[...]”. Nota-se a formatação histórica do esporte e sua concepção moderna dentro dos novos formatos sociais como a industrialização, racionalização, formas organizacionais, precisão de medidas e desenvolvimento tecnológico, exemplificados pela transformação da sociedade inglesa. Como afirma Bracht (2005, p.13), o esporte moderno é a resultante de um processo de modificação, como a esportivização de elementos da cultura corporal de movimento, inicialmente por parte das classes populares inglesas. E dentro desse processo o esporte acaba assumindo características básicas, resumidas genericamente em: competição, rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificização do treinamento.

Pensando em como relacionar as lutas com o esporte, é necessário verificar o processo de ocidentalização das práticas de origem oriental. Mas ainda que a prática das lutas incorporou elementos da cultura ocidental, nem todas optaram pelo desuso ou abandono de

---

<sup>3</sup> O termo jujutsu significa técnica suave em tradução livre.

suas raízes. Quando chegaram em ambiente ocidental, foi então moldada de acordo com a cultura corporal, procurando interpretações e adaptações que não estivessem tão distantes do trato original.

A natureza dessas adaptações agiu no sentido de aproximar essas práticas de origem oriental de uma lógica mais ocidentalizada de trabalho corporal, ou seja, concorreu para a associação entre as artes marciais orientais e alguns elementos presentes nos métodos ginásticos e nos esportes modernos. (MARTA, 2010, p. 189).

Dentro dessa adaptação, a arte sofre mutação. Tal mutação não se refere simplesmente ao fato de ter um caráter esportivo assumido, mas ao meio e as relações sociais. Campos (*apud* MARTINS e KANASHIRO, 2010) afirma que no processo de emergência da sociedade industrial, determinadas modalidades passaram a ser regulamentadas e padronizadas. E a afirmativa prossegue no aprofundamento de Martins e Kanashiro (2010, p.01):

A maioria dos esportes que conhecemos e praticamos hoje são considerados esportes modernos. Os esportes modernos possuem as seguintes características: diminuição do grau de violência, codificação de regras e das práticas, igualdade formal entre os jogadores, espaços e tempos próprios, desvinculando-se de rituais religiosos (secularização).

Logo, quando há dúvida relativa à preservação geral das artes marciais, existe a condição de identificar a padronização das práticas ao meio cultural onde fora inserida. De forma que, assumindo a característica predominante do território e todas as outras características culturais que são priorizadas, um leque se abre, mostrando opções e segmentos que articulam com o esporte moderno, o esporte tradicional, as linhas filosóficas orientais e ocidentais e as relações que podem existir nessa condição de passagem sociocultural e territorial.

Historicamente e na sombra da revolução industrial, houveram mudanças que foram transmitidas do cenário operário até o convívio enquanto ser social, de forma que, enquanto pensava na determinação de tempo voltado tanto para o trabalho quanto para o não trabalho, fosse necessário também definir sobre o período de lazer. Logo, são apresentados socialmente critérios de cultura e prática corporais. Regido pelo discurso de Marta (2010, p.41), afirma-se que dentro do mesmo contexto revolucionário, a Europa acaba inserindo novos elementos na cultura corporal no Ocidente, elementos que seriam rapidamente usados para ocupar o tempo de lazer. A ciência ajudava a construir movimentos e corpos novos, de forma que a ginástica e o esporte começavam a fazer parte da vida das pessoas.

A abordagem do que vem enquanto cultural e prática corporais, assume a caracterização social que permite aderir a conceitos e filosofias, principalmente enquanto

discussão sobre lutas. É necessário interpretar a prática corporal como um acontecimento de potencialidade social, que absorve e interpreta a característica única ao ser humano que é a cultura, tal como exemplo, a atividade física, o convívio social e até mesmo interesses por práticas esportivas ou interesses em comum, já a cultura corporal como um conceito que acolhe práticas de cunho histórico, culturalmente concretizadas e resultantes como patrimônio contemporâneo passível de modificações da época em que se dá, sabendo distingui-las e relacioná-las também.

Entre esporte e sociedade, as interferências possíveis começam a ser tratadas já na questão material e de cunho interpretativo aos fundamentos filosóficos e técnicos das práticas orientais. Como fora anteriormente dito, as lutas acabaram sofrendo modificações no decorrer de sua história e prática, logo seria inevitável que houvesse alguma interferência cultural, e isso se deu também na proporção que a prática pudesse tomar.

No caso específico das práticas, algumas dessas adaptações se fizeram necessárias logo no início, no processo de estabelecimento dos mestres imigrantes; outras em um momento posterior, quando a necessidade de expansão das práticas na cidade exigiu a formação de mestres brasileiros. Em ambos os casos, não foi raro o aflorar de conflitos identitários. (MARTA, 2010, p.189).

E então, quando assume a condição de representação esportiva, a luta traz consigo o discurso social da proposta de saúde e também de defesa pessoal. Se for feita uma rápida retrospectiva, a defesa pessoal entra como um dos fundamentos iniciais das artes marciais e seu uso para fins bélicos. Porém, Marta (2010) exemplifica a potencialidade deste mesmo elemento para a luta enquanto esporte e sua representação social:

[...] o controle da violência potencial, promovido pelo processo de modernização, impôs barreiras no que diz respeito a essa forma de utilização das artes marciais orientais. Contudo, mesmo com esse controle, o conhecimento de uma determinada arte marcial oriental supostamente conferiria ao praticante a capacidade de se defender em uma eventual situação de perigo. (MARTA, 2010, p. 203).

Apresentando teoricamente o possível preparo do ser social para um eventual desuso do que o autor chama de ‘controle da violência’.

Quando for dada a interpretação sobre quais as dimensões sociais do esporte, é preciso antes reconhecer que esta expressão não simplesmente dá margem para fenômenos indicadores de grandes competições oficiais. De forma que após a reconstrução do termo, ele possa denominar diferentes significações no âmbito sociocultural.

[...] embora devamos reconhecer que o esporte é um fenômeno cultural difundido globalmente na forma das competições esportivas oficiais – por meios das quais traz consigo significações hegemonicamente colocadas, especialmente, pelos meios de comunicação de massa –, ele deveria, também, ser considerado a partir de suas expressões particulares, quando, inserido em distintos contextos socioculturais, adquire outras significações. Em outras palavras, para além dos eventos que têm grande visibilidade social (o esporte oficial, pratica no âmbito das federações esportivas), o esporte pode ser identificado, também, como uma prática social inserida em outros universos, nos quais adquire significados peculiares. (STIGGER, 2005, p.73).

Sobre a ressignificação do esporte, Tubino (*apud* Stigger, 2005, p.74) defende a reforma de conceito do termo que deixa de representar somente o rendimento e passa a ser importante também nas condicionantes do lazer e no viés da educação. Trazendo daí o *esporte educação*, *esporte participação* e o *esporte performance*.

Dentro da perspectiva do lazer, o esporte pode assumir caracterizações distintas dentro do mesmo grupo que o pratica, porque se trata de diversas interpretações. Já como componente das características pertinentes à educação, a manifestação esportiva pode assumir grande parte do conteúdo de ensino da Educação Física. Colocando o esporte como instrumento possível de formação social:

[...] entre os muitos espaços onde o esporte é praticado na sociedade em que vivemos, a escola é aquele que tem um papel especial: transmitir essa prática social para as gerações futuras, com ajuda dos professores de educação física. Assim, a educação física vem constituindo-se uma prática pedagógica que, na esfera escolar, tem praticado papel de tematizar – entre outros conteúdos da denominada cultura corporal – essa forma particular de atividade física. (STIGGER, 2005, p.106).

Embora exista tal oportunidade de formador social, não existe condição relevante se o ideal formador for o da simples reprodução social, mas sim o potencial de significação das práticas corporais inseridas naquele meio.

Pensar as lutas em sua face esportiva enquanto movimento socioeducacional, pede por limitações metodológicas. No que se refere à prática em seu formato primo, existe a possibilidade de ser trabalhado com eficácia condições de aspectos cognitivos, afetivo-sociais e também no desenvolvimento motor do aluno. A inclusão das lutas enquanto conteúdo das aulas de Educação Física, segundo Ferreira (2006), pretende formar soldados, nem promovê-los a guerra, pois então pretende oferecer na escola com o objetivo de proporcionar diversidade cultural e amplitude de atividades corporais.

A compreensão dos esportes de combate com o movimento social – tal qual a educação, a rotina trabalhista e o tempo definido como lazer -, o marketing, o contexto civilizador e a iniciação no próprio esporte precisam aparecer claramente. Dentro do contexto relativo à educação a possibilidade de pensar nas lutas enquanto fator pedagógico Yonezawa (2010) dispõe da corrente conceitual de que a educação do combate não coincide com o abatimento do outro, mas no crescimento com o outro, de forma a não existirem oponentes e sim parceiros, alguém que está logo ao lado. No âmbito da iniciação da prática, devemos considerar os cenários e os personagens inseridos ali, o que é dito por Gomes (2008) quando afirma que é preciso entender os métodos de ensino, apontando para procedimentos pedagógicos, no processo de ensino-aprendizagem das lutas, para diferentes contextos e personagens.

Já para Valter Bracht (2005), o esporte acontece e se dá como componente da vida das pessoas por todo o mundo, e com uma ferocidade fielmente relacionada à maré capitalista, de forma que sua expansão pelo mundo acabou se tornando expressão hegemônica quanto a cultura corporal de movimento. A ideia do mesmo acaba contextualizada nas modificações esportivas e o reconhecimento do chamado “esporte espetáculo”, tendência que abriga a principal característica do esporte nos dias atuais, chegando através dos veículos de massa o esporte transformado em mercadoria.

Logo, toma-se o caráter esportivista como uma mutação da iniciativa sobre as lutas. O ideal de processo civilizador ainda está introduzido no meio das lutas, mas a idealização dessa formação toma, por fim, a interpretação social e capitalista, abrindo portas à mídia, à economia e à comercialização das lutas como um espetáculo.

Na visão sociocultural, as lutas, durante o processo de modernização e forte influência do seguimento econômico social, sofreram modificações acerca do modo de pensar a luta marcial, a valorização da atividade física, e desta forma, uma maior veiculação sobre as propostas das artes marciais.

[...] atividades criadas com fins inicialmente bélicos, adquiriram características de esporte, ou seja, visam a competição, a rivalidade controlada e regrada, os benefícios extrínsecos e a vitória. Tais características desvinculam-se dos objetivos primeiros dessas artes orientais, uma vez que sua essência é fundamentalmente religiosa. (SOUSA, p.149, 2010).

## **Artes Marciais e seu espaço na Educação Física e na formação no ensino superior em Educação Física**

As artes marciais recebem diversos tratos, dentre eles, a sua apropriação como manifestação da cultura corporal de movimento, que é o objeto da educação física enquanto área de conhecimento e reconhecida como prática social e pedagógica, estando presente então no campo educacional, tanto no ensino de base quanto no ensino superior. Destaca-se também o sobre o uso das lutas enquanto instrumento educacional e a sua funcionalidade social.

Ao discutir sobre o trato curricular das lutas em uma universidade federal no sul do país, Trusz (2007) aponta que o contexto histórico dos esportes de combate revela determinante importância social e cultural, ou seja, antes dos critérios de esportivização, tratavam-se de lutas, meios de defesa e ataque originados em certas sociedades, e assim acompanha o processo civilizatório. De forma que as lutas não sejam vistas e apropriadas simplesmente como conteúdo integrante do currículo, mas também da cultura e das identidades da região e do país.

Seguindo os critérios interpretativos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), o corpo existe e é identificado como personagem de um contexto sociocultural, e então traz a abordagem da Educação Física como transmissão de saberes como expressões culturais, historicamente construídos e socialmente partilhados. Entendendo a mesma como uma cultura corporal.

O ser humano, desde suas origens, produziu cultura. Sua história é uma história de cultura, na medida em que tudo o que faz está inserido num contexto cultural, produzindo e reproduzindo cultura. O conceito de cultura é aqui entendido como produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os. [...] Dentre as produções dessa cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. Estes têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica (BRASIL, 1997).

A formação básica nas lutas, por parte da Educação Física, deve assumir a condição introdutória e estimulante aos alunos com relação a prática das lutas. Tendo em vista todo o conceito hierárquico a que se deve respeito, tanto por parte das artes marciais, como pelas práticas patrimoniais e históricas do país. Mas ainda no caráter introdutório das práticas, é possível administrar, porém segundo Breda *et al.* (2010) pela ausência de uma disciplina que abordasse o tema no currículo da faculdade de Educação Física ou por esta ter sido insuficiente para desmistificar a crença de que é necessário ser um 'mestre' para propiciar

vivências que permitam conhecimento das lutas. De forma a trazer dificuldade para que permita que o conteúdo possa ser mais bem ministrado no ambiente escolar.

A formação inicial sobre as propostas cabíveis às lutas na Educação Física, necessita que se combata com o fato de que o aluno se forme para dar uma aula sobre lutas e não somente a aula de uma modalidade específica. Dentro do contexto educacional escolar, é necessário pensar no formato lúdico sobre a iniciação, assumindo atividades de caráter geral, para Gallahue (apud Breda, 2003), o brincar é o que consome maior parte do tempo desperto criança, e isso pode ser colocado como a atividade equivalente ao trabalho do adulto. Inicialmente, é interessante trabalhar com atividades gerais que proporcionem reação dos alunos, pensando no caráter educativo e na colaboração do grupo, sem entrar ainda na modalidade e nas atividades específicas.

O direcionamento das atividades gerais precisa ser pensado como trabalho funcional de forma lúdica, o que além de remeter à introdução prática feita na disciplina relacionada também chama atenção para o caráter de Jogos e Brincadeiras. Dando seguimento ao conceito de Gallahue (apud Breda *et al.*, 2003), diz-se que as brincadeiras servem como meios vitais, dos quais participam do desenvolvimento gradual de estruturas cognitivas superiores, pois as brincadeiras englobam vários ambientes auxiliando na promoção do crescimento cognitivo.

Posteriormente ao aspecto formativo do docente, existe a reflexão sobre questões relativas ao ensino de lutas nas aulas de Educação Física. O início do problema, afirmado por Nascimento e Almeida (apud SO; BETTI, 2009), está na presença das lutas nas escolas, ou a falta dessa proposta. Ainda assim, quando existente, acaba ministrada fora do planejamento ou proposta de conteúdo da Educação Física. Os mesmos autores ainda apresentam fatores dificultantes com relação à aplicação ou prática das lutas, justificados pela pouca vivência do docente durante o processo formativo ou até mesmo durante a vida; pela intimidade possivelmente existente entre as lutas e a violência, e o estímulo das práticas à violência; além de outras justificativas como a deficiência relativa aos estudos, à formação do próprio docente e também direcionado à materiais pedagógicos.

Outro fator de contraposição aos ideais metodológicos, cabíveis às lutas no ambiente escolar, se dá através da disseminação das lutas na sociedade, devido ao caráter esportivo assumido e a consequência midiática. De forma que acabam reconhecidas muito mais por seu aspecto técnico e tático do que pelas possibilidades filosóficas das artes marciais. A tal respeito, o último questionamento acontece sobre a relação entre brigas e os jogos de lutas. Sobre isso, Olivier (apud SO; BETTI, 2009) diz que a violência é um modo de expressar e se

comunicar, reagindo a certas interações sociais, em relação ao meio, ao estresse, à frustração e isso não poderia ser terminantemente eliminada ou subjugada por algum educador. Dando então a oportunidade da experimentação e da transformação da ‘briga’ em ‘jogos de luta’, encontra-se a proposta de So e Betti, afirmando que:

[...] a prática de lutas na escola deverá proporcionar um tempo/ambiente adequado para transformar as “brigas” em “jogos de luta”, nos quais haverá regras e situações seguras para liberação e transformação de agressividade. Desse modo os jogos de luta permitem uma simulação da violência (“brincar de”), que impede ao aluno ser violento, no sentido de causar agravos físicos ao adversário. (2009, p. 545).

Preocupando-se com um formato que dê ao aluno a oportunidade de encontrar ou extrair respostas a partir de consequências advindas de atos de violência, o perigo que pode representar a si e ao outro, partindo então de condicionamentos e estratégias metodológicas que encaminhem questionamentos sobre a mesma violência, como a sofrida, suportada ou até mesmo permitida.

A contextualização das lutas pela Educação Física é algo pertinente, a desconstrução de uma abordagem prioritária do esportivismo ou tecnicismo, rompe com aspectos trazidos pela Educação Física tradicional, tornando possível compartilhar a necessidade de ampliação da cultura de movimento. O professor de Educação Física sem experiência em lutas pode se utilizar de várias manifestações da cultura de movimento sem que especialize em algo, abrindo daí uma diversificação de possibilidades ao aluno. Quanto ao professor que traz a vivência sobre alguma(s) prática(s), cabe o uso de condicionamentos positivos e proposta de experimentação aos alunos. Tendo em vista que o caráter das lutas no ambiente escolar não visa a formação de um atleta, existe a concordância de que não há a necessidade de ser um professor especialista para trazer a proposta das lutas ao mesmo ambiente.

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE OS DADOS

A apropriação das artes marciais orientais no campo acadêmico-científico pela Educação Física é o que dá sentido a esta pesquisa. Seu desenvolvimento se dá através da condição de enxergar pelos olhos da academia brasileira, e suas produções, as tradições orientais e as influências que trazem ao país em nível de discussão sobre áreas de conhecimento, caracterizadas como biodinâmica, pedagógica e sociocultural. Então, de forma geral, o objetivo foi identificar o cenário de produção sobre Artes Marciais no Brasil, tendo em suas especificidades a oportunidade de reconhecer abordagens, apresentar as obras publicadas e analisar as mesmas publicações.

Os dados que dão corpo à pesquisa realizada são formados, de forma genérica, por 22 revistas periódicas online da Educação Física, encontradas dentro da delimitação para a abordagem da pesquisa. Usando palavras-chave como lutas, combate e artes marciais, foram encontrados 125 artigos publicados entre os anos de 2005 e 2015<sup>4</sup>.

A projeção das produções acadêmicas sobre Artes Marciais feita por Cazetto e Lollo (2010) já considerava um crescimento no trato com o termo entre os anos 1997 a 2008, tanto na área de ciências humanas quanto na de ciências biológicas. Usando como delimitação para a pesquisa os trabalhos apresentados em congressos científicos, os autores já afirmavam o progresso na relação do âmbito científico com as lutas de combate.

[...] entende-se que o processo ocorrido nos últimos 12 anos é benéfico para a educação física e para as lutas e artes marciais. Mesmo que os dados tenham sido coletados em um ambiente restrito, o aumento nessa produção pode ser um importante indicativo como um estudo exploratório sobre a produção nacional. Podendo ainda contribuir no sentido de um bom aproveitamento pedagógico desse patrimônio cultural tão abrangente, popular e diversificado (CAZETTO; LOLLO, 2010, p. 11).

A reprodução do que fora visto pelos autores citados é o que pode dar então sentido e possibilidade para o diálogo sobre a representação das produções nacionais sobre artes marciais orientais para o desenvolvimento desse cenário perante a Educação Física, no viés da pesquisa e da formação acadêmica.

---

<sup>4</sup> Os artigos correspondentes foram buscados somente até o primeiro trimestre do ano de 2015.

## **Caminho Metodológico**

Uma das necessidades da pesquisa é a sua justificativa, por isso, ao tratar de motivos para a pesquisa, é necessário relevar conceitos de Deslandes *et al.* (1994), condizentes ao questionamento de que contribuições para a compreensão, intervenção ou solução para o problema trará a realização de tal pesquisa. Entende-se, assim, que a metodologia perpassa por escolher uma linha de pensamento e abordagem feita partindo da realidade. Dessa forma, a metodologia está sempre dentro das teorias e refere-se a elas. Utilizando os conceitos apresentados, serão expostos o caminho metodológico da pesquisa, seu tipo e seus instrumentos.

A pesquisa assume o caráter quali-quantitativo, característica reconhecida pelos pontos que carrega para apresentar os dados e defender a ideia. A mesma busca através de seus instrumentos, coletar dados suficientes para apresentar e afirmar/defender uma ideia, porém em sua maioria, os dados usados serão apresentados através de gráficos e tabelas pela grande importância que os números possuem dentro do quadro informativo desta mesma pesquisa. A construção da pesquisa terá a interferência de alguns instrumentos. São eles:

- Coleta de dados: a coleta de dados, neste ponto, foi feita a partir da consulta de periódicos delimitados à qualificação pré-estabelecida e buscados dentro do acervo nacional por autores também atribuídos a esta mesma nacionalidade.
- Definição da amostragem: a amostragem foi feita seguindo conceitos de Deslandes *et al.* (1994), que questiona para a construção deste quesito a relevância da obra na construção e desenvolvimento da pesquisa, de forma que a busca pelos artigos reunidos tenha sido filtrada e considerada também a essa maneira.
- Análise de dados: a análise das obras escolhidas foi realizada seguindo um critério de organização que sugere sua divisão das obras por qualificação da pesquisa e categoria de linhas de pesquisa.

Os dados da pesquisa foram encontrados a partir das seguintes delimitações para a pesquisa:

- Periódicos da Educação Física;

- Revistas brasileiras classificadas até ‘B4’ segundo o Qualis CAPES<sup>5</sup>;
- Artigos publicados entre 2005 e 2015;
- Artigos que tenham como tema as Artes Marciais orientais;
- Uso de palavras-chave, como: lutas, esporte de combate, artes marciais.

O que resulta no apanhado de 125 artigos encontrados em 22 revistas nacionais diferentes, listados na seguinte tabela:

Tabela 01 - Periódicos da Educação Física e número de publicações encontradas

<b>PERIÓDICOS</b>	<b>AValiação QUALIS</b>	<b>ARTIGOS</b>
Caderno de Educação Física e Esporte	B4	01
Coleção Pesquisa em Educação Física	B4	23
Educação Física em Revistas	B4	04
Esporte e Sociedade	B4	02
Fitness & Performance Journal	B3	05
Revista Arquivos em Movimento	B4	01
Revista Brasileira de Ciência e Movimento	B2	05
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	B1	04
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	B1	09
Revista Conexões	B4	12
Revista ConScientiae Saúde	B2	02
Revista Corpo e Movimento	B4	01
Revista da Educação Física	B1	04
Revista Mineira de Educação Física	B4	13
Revista Motrivivência	B4	04
Revista Motriz	A2	09
Revista Movimenta	B4	01
Revista Movimento	A2	12
Revista Movimento e Percepção	B4	05
Revista Pensar a Prática	B2	06
Revista Ulbra e Movimento	B4	01
Saúde em Revista	B4	01

Não por coincidência, o trabalho caminha em direções já feitas, como o trabalho de Correia e Franchini (2010), tendo como proximidade, além de outros pontos como o tema

<sup>5</sup> O Qualis CAPES é um sistema de classificação de periódicos nacionais e internacionais disponíveis na plataforma da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

escolhido, a proposta de classificação dos artigos para as áreas de conhecimento que cabem à Educação Física.

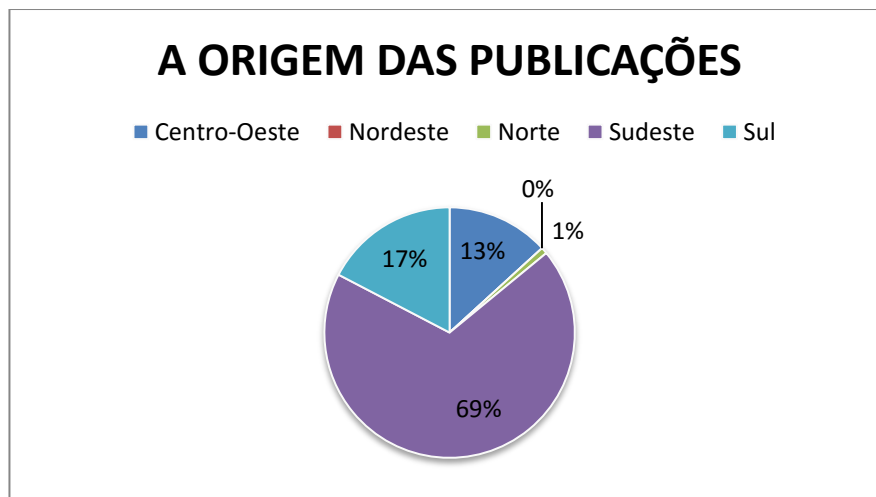
A classificação dos artigos quanto à sua temática seguiu a proposição de Tani (1996) para a estrutura acadêmica da Cinesiologia, Educação Física e Esporte. Nessa classificação, os estudos de caráter básico são realizados pela Cinesiologia, tendo como diferentes níveis de análise a Biodinâmica do Movimento Humano, o Comportamento Motor Humano e os Estudos Sócio-Culturais do Movimento Humano. Os estudos de caráter aplicado seriam conduzidos, no caso da Educação Física, nas áreas de Pedagogia do Movimento Humano e Adaptação do Movimento Humano, ao passo que no Esporte, os estudos seriam conduzidos nas áreas de Treinamento Esportivo e Administração Esportiva. A escolha dessa classificação se deveu ao fato da mesma contemplar áreas historicamente consolidadas no campo da Educação Física/Esporte no âmbito da produção de conhecimento- (TANI *apud* CORREIA; FRANCHINI, 2010. p. 04).

Termos que serão mais bem identificados e conceituados adiante, enquanto se interpretam os dados e seus resultados.

## Resultados e Análise

Após o reconhecimento da linha metodológica adotada para a realização da pesquisa, apresentam-se as origens das produções acadêmicas segundo sua região no território brasileiro. Pois se o objetivo é a identificação de obras nacionais sobre Artes Marciais orientais, é relevante ainda que sejam reconhecidas as regiões e suas relações com a as pesquisas publicadas a âmbito nacional. Assim como a representação do mapeamento de produção nacional sobre o assunto:

Gráfico 01 – A origem das publicações



A apropriação do gráfico nos permite identificar as regiões brasileiras e seus índices de contribuição para esta mesma pesquisa, justificando que o cálculo percentual faz referência a 21 dos 22 títulos de periódicos, já apresentados, devido ao fato de uma delas (RBCE) não responder à especificidade do regionalismo buscado. 0

Outro formato de discriminação sobre a origem das publicações vem representado através da Tabela 02:

Tabela 02 – Distribuição detalhada das produções acadêmicas

<b>REGIÃO</b>	<b>REVISTAS</b>	<b>ARTIGOS</b>	<b>%</b>
Centro-Oeste	04	16	13%
Nordeste	00	00	0%
Norte	01	01	1%
Sudeste	12	83	69%
Sul	04	21	17%
Outros <sup>6</sup>	01	04	-
<b>Total</b>	22	125	100%

É evidente a diferença de produções entre a região Sudeste e as demais, o que pode ser justificado pelo fato de haver nesta região do país um alto número de cursos de graduação e pós-graduações, trazendo a determinação de uma maior necessidade de produções a nível de pesquisa, não simplesmente pela publicação das mesmas.

Retomando o diálogo com o que fora citado anteriormente por Correia e Franchini (2010) sobre considerar diferentes áreas de conhecimento como a Biodinâmica, Sociocultural e a linha Pedagógica para estruturar um trabalho dentro da lógica da Educação Física. Daí surge a possibilidade de enxergar pluralidades, internalizadas nas várias configurações das lutas, seja em determinações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização. Manoel e Carvalho (2011) sintetizaram de forma sucinta o que representam para a pesquisa na Educação Física a Biodinâmica:

A biodinâmica compreende as atividades de pesquisa dentro de subdisciplinas como bioquímica do exercício, biomecânica, fisiologia do exercício, controle motor, aprendizagem e desenvolvimento motor, além de alguns campos aplicados, como nutrição esportiva e treinamento físico e desportivo. As linhas de pesquisa na biodinâmica são orientadas pelas ciências naturais (ABERNETHY, 1996; AMADIO; BARBANTI, 2000 *apud* MANOEL; CARVALHO, 2011. p. 392).

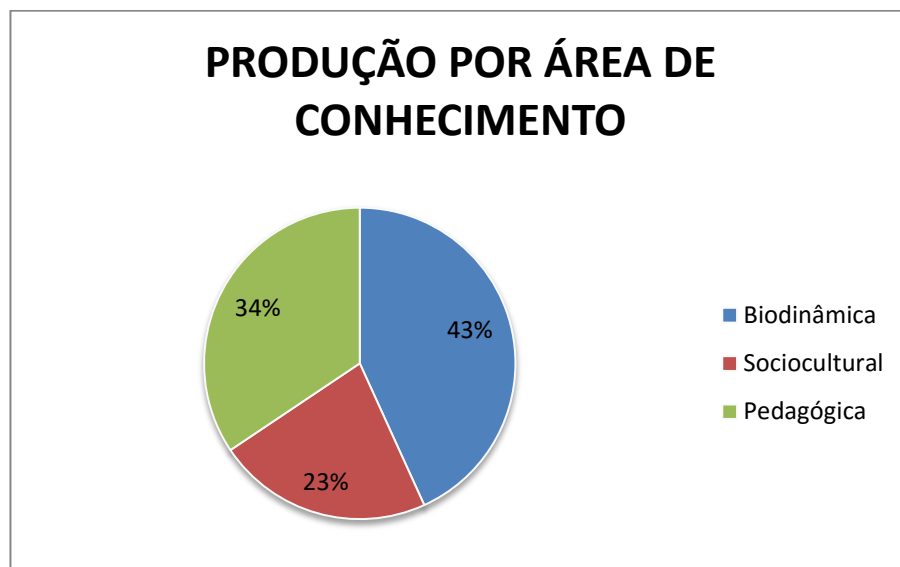
<sup>6</sup> Neste caso, usado para fazer menção à Revista Brasileira de Ciências do Esporte que não corresponde ao critério de especificidade regional e não participa do gráfico por fazer correspondência a todo o território.

A linha Sociocultural, segundo os mesmos autores (p. 392), é tratada como uma subárea que trata de temas como esporte, práticas corporais e atividade física nas perspectivas da sociologia, da antropologia, da história e da filosofia. E a linha Pedagógica, que também, segundo afirmação de Manoel e Carvalho (2011, p.392) traz as seguintes características:

[...] investiga questões relativas à formação de professores, ao desenvolvimento curricular, aos métodos de ensino e à pedagogia do esporte, além de tratar de aspectos metodológicos, sociais, políticos e filosóficos da educação. As subáreas sociocultural e pedagógica definem suas linhas de investigação orientadas pelas ciências sociais e humanas.

Após identificar linhas de pesquisa possíveis, reconhecer seus conceitos e chamar para a pesquisa abordagens relativas ao tratamento pela Educação Física e seu caráter de pesquisa, como as vertentes educacionais e formativas, a influência social e suas determinantes históricas, além dos aspectos voltados ao tratamento funcional e as respostas do corpo humano frente à prática das artes marciais. O que nos permite então acenar com divisões como a do gráfico seguinte:

Gráfico 02 – Produção por área de conhecimento



Dentro da representação gráfica acima, tendo a totalidade dos 125 títulos reunidos para análise da produção acadêmica sobre artes marciais no Brasil, são atribuídos, segundo a figura, 43% (o equivalente a 54 títulos) para estudos sobre artes marciais segundo aspectos da Biodinâmica; 34% (o equivalente a 43 títulos) das pesquisas levantadas são dirigidas para a

linha do estudo Pedagógico; e então, os 23% (o equivalente a 28 títulos) restantes das obras buscam mostrar algo dentro do cenário Sociocultural.

Todas as obras relacionadas a esta análise cabem dentro de um período aproximado de dez anos desde as suas publicações. Portanto de 2005 até o primeiro trimestre do ano de 2015, de todos os artigos apanhados a evidencia é feita, dessa vez, conforme aspectos relacionados aos anos e suas condições envoltas na produção sobre artes marciais/ lutas/ esportes de combate e afins, conforme a exposição feita na Tabela 03.

Tabela 03 - Sobre a produção acadêmica geral em Artes Marciais / Lutas / Esportes de Combate nos últimos dez anos

PERIÓDICO/ ANO <sup>7</sup>	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	TOTAL
CEFE	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
CPEF	-	-	07	01	03	04	03	03	02	-	-	23
EFR	-	-	-	01	-	01	02	-	-	-	-	04
Esporte e Sociedade	-	-	-	-	-	-	01	01	-	-	-	02
FPJ	-	-	-	03	02	-	-	-	-	-	-	05
RAM	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
RBCM	-	-	-	-	01	-	-	-	03	01	-	05
RBCE	-	-	-	-	-	-	01	-	03	-	-	04
RBEFE	-	-	-	01	-	02	03	02	-	01	-	09
Conexões	-	-	-	02	-	04	01	01	04	-	-	12
ConScientiae Saúde	-	-	-	-	-	01	-	01	-	-	-	02
RCM	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	01
REF	-	-	-	-	-	-	01	-	01	02	-	04
RMEF	-	-	02	-	-	-	01	06	02	02	-	13
Motrivivência	-	-	-	02	-	01	-	-	01	-	-	04
Motriz	-	-	01	-	04	03	01	-	-	-	-	09
Movimenta	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
Movimento	-	-	01	-	01	-	01	01	03	05	-	12
RMP	-	-	02	-	02	01	-	-	-	-	-	05
RPP	01	-	-	01	-	01	01	-	01	01	-	06
RUM	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01
Saúde em Revista	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
<b>Total</b>	01	00	13	12	15	18	18	15	20	13	00	125

De forma generalizada, e até certo ponto descaracterizando as práticas ou modalidades adotadas, argumenta-se com diversas perspectivas sobre Artes Marciais, lutas e esportes de

<sup>7</sup>CEFE = Caderno de Educação Física e Esporte; CPEF = Coleção Pesquisa em Educação Física; EFR = Educação Física em Revista; FPJ = Fitness & Performance Journal; RAM = Revista Arquivos em Movimento; RBCM = Revista Brasileira de Ciência e Movimento; RBCE = Revista Brasileira de Ciências do Esporte; RBEFE = Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; RCM = Revista Corpo e Movimento; REF = Revista da Educação Física; RMEF = Revista Mineira de Educação Física; RMP = Revista Movimento e Percepção; RPP = Revista Pensar a Prática; RUM = Revista Ulbra e Movimento

combate. Segundo a Tabela 03, dentro de um campo de visão que alcança os últimos dez anos de pesquisa relativos a essas vertentes seguindo as interpretações da Educação Física, os períodos de maior procura e publicação sobre o tema são relativos aos anos de 2010, 2011 e 2013. Além das evidências de que não houve tamanho interesse no mesmo tema nos primeiros anos analisados – 2005 e 2006 – com baixo número de publicações, o que equivale a 01 (um) artigo publicado.

Outro critério interpretativo facilmente adotado neste caso, refere-se ao quantitativo de produções e o envolvimento às categorias anteriormente descritas, sendo elas a linha Biodinâmica, Pedagógica e Sociocultural. Dentro dessa condicionante para análise, a classificação e empregabilidade de alguns termos acabam se tornando referenciais às linhas de pesquisa, como exemplo, Artes marciais e esportes de combate, Artes marciais e lutas, Artes marciais e defesa pessoal, termos que encaminham as suas respectivas pesquisas para áreas de cunho esportivo, de construção e debate ao social ou, até mesmo, o debate educacional.

Tabela 04 – A produção pela categorização e seus encaminhamentos

<b>CATEGORIA/ ANO</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>TOTAL</b>
Biodinâmica	----	-----	8	6	9	5	0	5	7	4	-----	54
Pedagógico	----	-----	4	4	3	1	2	7	0	2	-----	43
Sociocultural	1	-----	1	2	3	3	5	3	3	7	-----	28
<b>Total</b>	1	-----	3	2	5	9	7	5	0	3	-----	<b>125</b>

A produção acadêmica sobre artes marciais em suas modalidades de origem oriental chama para alguns caminhos enquanto temas a serem pesquisados, de forma que, sobre as três vertentes anteriormente ditas e conceituadas, segundo a Tabela 04, o aspecto mais utilizado é na área da Biodinâmica. Isso porque, quando isolamos essas possibilidades de caminho, encontra-se na linha Pedagógica um ponto de alta procura para a discussão e relevância das artes marciais enquanto componente do conteúdo educacional, além de seus efeitos, o caráter de reprodução e aplicações metodológica. Quanto à linha Sociocultural, tem se um padrão no ritmo de publicações (com exceção dos anos de 2006 e 2015, os anos demais apresentaram ao menos uma publicação). Ressalta se que nessa linha se encontra também a única publicação sobre artes marciais no ano de 2005 (não se teve publicação nas outras linhas). Também é possível observar que esta linha é a que possui o maior número de trabalhos no ano de 2014.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados encontrados e analisados nesta pesquisa tratam de assuntos relacionados a práticas da Arte Marcial originadas no território oriental, trazendo parte da cultura, da técnica, da origem aos meios de apropriação no território brasileiro / ocidental. Em sua maioria, e em acordo com o gráfico (Gráfico 02, p.36), os artigos estão no campo de pesquisa da Biodinâmica, seguido daí por interesses sobre o Pedagógico e, por fim, procura a ideia sobre o Sociocultural. Perante tal reconhecimento, a produção acadêmica sobre artes marciais orientais não alça grandes voos, considerando que dentro de uma margem de 10 anos, foram encontrados 125 títulos em periódicos da Educação Física e isso traz uma média aproximada de 12,5 artigos sobre artes marciais orientais por ano (1,04 ao mês), porém, cabe a lembrança sobre o número de periódicos, logo encontramos uma média aproximada de 0,56 artigos publicados por cada revista no ano sobre o tema, independente da linha de pesquisa.

Além do caráter produtivista, outros autores também fazem análise sobre as áreas de conhecimento a que a Educação Física se insere. Desta forma, valoriza-se os termos e o viés da pesquisa estudada, notando uma mistura de seus significados. Perspectiva que também é notada, e acaba definida por Gonçalves e Silva (2013, p.5):

[...] são marcantes as tentativas de definir uma classificação que dê conta de fixar determinado modo de nomear e dar sentido a essas práticas corporais. Alguns as assumem enquanto Artes marciais, outros tratam como Lutas, sem mencionar outras formas esporádicas de classificá-las como modalidades Esportivas de Combate ou, até mesmo, Jogos de Lutas. Mas que diferença isso implica? Do ponto de vista acadêmico parece que a utilização de diferentes termos para falar de atividades tão parecidas está associada à ênfase que se deseja dar à perspectiva pela qual elas são discutidas. Assim, analisá-las por um viés pedagógico, por exemplo, implicaria classificá-las e nomeá-las diferentemente de quando são abordadas em uma perspectiva esportiva de alto-rendimento.

A sugestão de códigos ou de terminologias próprias da área de estudo existe pela dada necessidade de segmentar as ideias e as possibilidades de conhecimento dentro da Educação Física, facilitando e encaminhando à área de pesquisa/conhecimento. É o que ainda Gonçalves e Silva (2013) chamam para o começo da construção de um assunto que pode ser relevante ao conhecimento, relacionado e sendo nomeado através de formas e por diferentes lugares de existência ou aplicação da prática, trazendo daí a legitimidade da proposta.

O número de obras que compõem a pesquisa entra no grupo de produtividade que interfere no caráter de atuação profissional e exploratório no âmbito acadêmico, já que segundo afirma Cazetto e Lollo (2010), quando avalia os níveis de trabalhos acadêmicos

sobre lutas e artes marciais apresentados em congresso, o crescimento do tema representa um crescimento na diversificação de área de atuação da Educação Física, além de compor um processo de cientificação e erudição, especificamente no ambiente das lutas e artes marciais, o que é necessário quando consideramos o seu número de praticantes.

Dentro dos dez anos, o grau de um provável nível deficiência sobre a produção sobre as artes marciais orientais no Brasil, existe a consideração sobre um campo a ser mais bem explorado desde a prática de qualquer que seja a modalidade ou seu campo de ação, até a própria pesquisa e o sentido que ela possa trazer para a Educação Física. Contribuindo para a contínua capacitação acadêmica e até mesmo do sujeito inserido no ambiente das artes marciais independente do personagem que assume, ou qualquer que seja a determinação terminológica que deva assumir enquanto Arte Marcial, Luta, Esporte de Combate, defesa pessoal, Budô, entre outros.

No que diz respeito ao campo de ação e influencia desta pesquisa, existe a alta ligação com possibilidades de articulação com a formação do indivíduo em Educação Física pelo viés das Artes Marciais. Algo que posteriormente teria interferência com as relações e efeitos da mesma no âmbito, além de pedagógico, também sociocultural.

O conhecimento básico das lutas, através da formação em Educação Física, deve assumir a condição introdutória e estimulante aos alunos com relação à prática das lutas. Tendo em vista todo o conceito hierárquico a que se deve respeito, tanto por parte das artes marciais, como pelas práticas patrimoniais e históricas do país. Mas ainda, a nível de introdução, é possível administrar, diante da afirmação sustentada por Breda *et al.* (2010) pela ausência de uma disciplina que abordasse o tema no currículo da faculdade de Educação Física ou por esta ter sido insuficiente para desmistificar a crença de que é necessário ser um “mestre” para propiciar vivências que permitam conhecimento das lutas.

É preciso reconhecer que a partir de todos os números anteriormente apresentados e analisados, podem surgir formatos de análises mais profundas sobre o academicismo brasileiro, tal qual a qualidade de formação, a influência que tem a pesquisa no território nacional e até mesmo qual a frequência e importância serão dados para as artes marciais, considerando o tempo em que houver ação sobre sua experimentação e estudo no âmbito acadêmico.

Sobre o resgate do primeiro passo da pesquisa, responde-se que o retrato das artes marciais, se visto pela Educação Física brasileira, tem um suporte ainda muito frágil, considerando que a sua introdução ao currículo e apropriação por parte do meio social ainda é uma constante descoberta, o que coloca como um ponto ainda muito novo a ser observado e

estudado. Porém, não pode ser descaracterizado que tem se procurado cada vez mais alternativas para aplicar e entender como funciona o processo biologicista dentro das lutas de combate, além do caráter de entendimento e influência pedagógica.

## REFERÊNCIAS

- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 03ª edição. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília (DF): MEC/SEF, 1997.
- BREDA, M; GALATTI, L; SCAGLIA, A. J; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.
- CAZETTO, F. F.; LOLLO, P. C. Publicações sobre lutas e artes marciais em congressos de iniciação científica. **Conexões**. Campinas (SP), v. 8, n. 2, 2010.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.16 n.1, 2010.
- DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª edição. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1994.
- FERREIRA, H. S. As lutas na Educação Física escolar. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro (RJ), n. 135, 2006.
- FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a historia do karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.25, n.2, 2011.
- GOMES, F. J. C. Quatro histórias e uma epifania: estudos interdisciplinares acerca do budô japonês. **Dialogia**. São Paulo (SP), v. 07, n. 01, 2008.
- GONÇALVES, A. V. L.; SILVA, M. R. S. da. Artes marciais e lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis (SC), v. 35, n.3, 2013.
- MANOEL, E. de J.; CARVALHO, Y. M. de. **Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica**. Educação e Pesquisa, São Paulo (SP), v.37, n.2, 2011.
- MARTA, F. E. F. **Em memoria das lutas: as artes marciais orientais e a sua presença na cultura corporal de São Paulo**. São Paulo, SP: EDUC, 2010.
- MARTINS, C. J.; KANASHIRO, C. Bujutsu, Budô, esporte de luta. **Motriz**. Rio Claro (SP), v. 16, n. 3, 2010.
- NEIRA, M. G.; UVINHA, R. R. Cultura corporal: diálogos entre Educação Física e lazer. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2009.
- PIMENTA, T. Imaginário e identidades ocidentais: contribuição para a interpretação de artes marciais orientais no Brasil. In: 1º ENCONTRO DA ALESDE, 2008, Curitiba. **Livro: 1º Encontro da ALESDE 2008**. Disponível em: <<http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/75.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

REID, H.; CROUCHER, M. O caminho do guerreiro: o paradoxo das artes marciais. 02ª edição. São Paulo, SP: **Cultrix**, 2004.

SILVA, A. M.; LAZZAROTTI FILHO, A.; ANTUNES, P. de C. *in* FENSTERSEIFER, P. E.; GONZALEZ, F. J. **Dicionário crítico da Educação Física**. 03ª edição. Ijuí, RS: Unijuí, 2014.

SO, M. R.; BETTI, M. Saber ou fazer? O ensino de lutas na Educação Física escolar. **Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as lutas no contexto da motricidade/Simpósio sobre o ensino de graduação em Educação Física**, v. 15, 2009.

SOUSA, M. F. de. **Do conceito de *bun bu ryo* do à atividade esportiva**: a racionalidade moderna nas lutas marciais tradicionais. Goiânia: FCS/UFG, 2010.

STEVENS, J. Três mestres do Budô. São Paulo, SP: **Cultrix**, 2007.

STIGGER, M. P. **Educação Física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TRUSZ, R. A.; NUNES, A. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v. 13, n.1, 2007.

UESHIBA, M. **Budô**: ensinamentos do fundador do Aikidô. 03ª edição. São Paulo, SP: **Cultrix**, 2006.

YONEZAWA, F. H. Algo se move: um elogio filosófico-ético à prática do combate como arte e educação. **Motriz**. Rio Claro (SP), v. 16, n. 2, 2010.

## ANEXOS

### AMOSTRAGEM DE PESQUISA

**Tema:** Artes marciais no Brasil

A amostragem será feita seguindo conceitos de Deslandes *et al.* (1994, p. 43), que questiona para a construção deste quesito a relevância da obra na construção e desenvolvimento da pesquisa, de forma que a busca pelos artigos reunidos tenham sido filtrados e considerados também a essa maneira. Para a elaboração da pesquisa foram utilizadas obras publicadas dentro de um período máximo de dez anos, além do uso da aplicação de conceito Quali capes na classificação dos periódicos – tendo permissão de uso entre A1 e B4 – para obras produzidas dentro do cenário de pesquisa da Educação Física. Resultantes em 125 obras publicadas entre 2005 e o primeiro trimestre de 2015, retiradas de 22 periódicos diferentes. A identificação dos periódicos será feita mediante atribuição de título da revista, código ISSN (código numérico que constitui um identificador unívoco para cada título de publicação em série - International Standard Serial Number.).

#### 1. IDENTIFICAÇÃO DOS PERIÓDICOS

**Revista:** Caderno de Educação Física e Esporte

**ISSN:** 1676-2533

**Unidade:** UNIOESTE - PR

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica>>

**Revista:** Coleção Pesquisa em Educação Física

**ISSN:** 1981-4313

**Unidade:** Editora Fontoura

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** < <http://www.fontouraeditora.com.br/periodico/index.html>>

**Revista:** Educação Física em Revista

**ISSN:** 1983-6643

**Unidade:** UCB - DF

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/index>>

**Revista:** Esporte e Sociedade

**ISSN:** 1809-1296

**Unidade:** NEPESS/UFF - RJ

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<http://www.uff.br/esportesociedade/>>

**Revista:** Fitness & Performance Journal

**ISSN:** 1519-9088

**Unidade:** Instituto Crescer com Meta

**Classificação CAPES:** B3

**Disponível em:** <<http://www.fpjjournal.org.br/index.php>>

**Revista:** Revista Arquivos em Movimento

**ISSN:** 1809-9556

**Unidade:** EEFD/UFRJ - RJ

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<https://revista.eefd.ufrj.br/EEFD/index>>

**Revista:** Revista Brasileira de Ciência e Movimento

**ISSN:** 0103-1716

**Unidade:** UCB - DF

**Classificação CAPES:** B2

**Disponível em:** <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/index>>

**Revista:** Revista Brasileira de Ciências do Esporte

**ISSN:** 0101-3289

**Unidade:** CBCE - BRA

**Classificação CAPES:** B1

**Disponível em:** <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/index>>

**Revista:** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

**ISSN:** 1807-5509

**Unidade:** EEFÉ/USP - SP

**Classificação CAPES:** B1

**Disponível em:** <<http://rbefe.blogspot.com.br/p/rbefe.html>>

**Revista:** Revista Conexões

**ISSN:** 1983-9030

**Unidade:** UNICAMP - SP

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/index>>

**Revista:** Revista ConScientiae Saúde

**ISSN:** 1677-1028

**Unidade:** UNINOVE - SP

**Classificação CAPES:** B2

**Disponível em:** <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/saude>>

**Revista:** Revista Corpo e Movimento

**ISSN:** 1983-3237

**Unidade:** FIPA - SP

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível**

**em:**

<<http://www.fundacaopadrealbino.org.br/facfipa/teste.php?p=nucleoner#tab3>>

**Revista:** Revista da Educação Física

**ISSN:** 0103-3948

**Unidade:** DEF/UEM - PR

**Classificação CAPES:** B1

**Disponível em:** <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/index>>

**Revista:** Revista Mineira de Educação Física

**ISSN:** 0104-8031

**Unidade:** DEF/UFV - MG

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<http://www.revistamineiraefi.ufv.br/>>

**Revista:** Revista Motrivivência

**ISSN:** 2175-8042

**Unidade:** UFSC - SC

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/index>>

**Revista:** Revista Motriz

**ISSN:** 1980-6574

**Unidade:** UNESP/Rio Claro - SP

**Classificação CAPES:** A2

**Disponível em:** <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/index>>

**Revista:** Revista Movimenta

**ISSN:** 1984-4298

**Unidade:** ESEFFEGO/UEG - GO

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/movimenta/index>>

**Revista:** Revista Movimento

**ISSN:** 1982-8918

**Unidade:** ESEF/UFRGS - RS

**Classificação CAPES:** A2

**Disponível em:** <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/index>>

**Revista:** Revista Movimento e Percepção

**ISSN:** 1679-8678

**Unidade:** UNIPINHAL - SP

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/index.php>>

**Revista:** Revista Pensar a Prática

**ISSN:** 1980-6183

**Unidade:** FEFD/UFG - GO

**Classificação CAPES:** B2

**Disponível em:** <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/feff/index>>

**Revista:** Revista Ulbra e Movimento

**ISSN:** 2178-4515

**Unidade:** CEULJI/ULBRA - RO

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** -

**Revista:** Saúde em Revista

**ISSN:** 1516-7356

**Unidade:** UNIMEP - SP

**Classificação CAPES:** B4

**Disponível em:** <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/saude>>

## 2. IDENTIFICAÇÃO DAS OBRAS

AFLEN, Denise, et al.. Caracterização das práticas de hidratação em atletas de karatê do estado de Rondônia. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 8, n. 4, 2009.

ALBUQUERQUE, Maicon Rodrigues. Efeito da idade relativa em medalhistas olímpicos de taekwondo. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.20, n.1, 2012.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine. O processo civilizatório da marcialidade e a figura feminina. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal (SP), v.10, n.14, 2009.

ALMEIDA, Maycon Ornelas. Atividade motora adaptada e desenvolvimento motor: possibilidades através das artes marciais para deficientes visuais. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal (SP), v.10, n.14, 2009.

ANDRADE, Thiago Pacheco de. Combate da evasão das aulas de Educação Física escolar através da prática de artes marciais – karatê. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.20, n.3, 2012.

ANTUNES, Marcelo Moreira. A identificação dos estilos de ensino dos professores das artes marciais chinesas (wushu) no Brasil. **Pensar a Prática**. Goiânia (GO), v.13, n.3, 2010.

ANTUNEZ, Bruno Fernandes. Perfil antropométrico e avaliação física de lutadores de elite de taekwondo. **Conexões**. Campinas (SP), v. 10, n. 3, 2012.

ARTIOLI, Guilherme Giannini. Tempo de recuperação entre a pesagem e o início das lutas em competições de judô do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.25, n.3, 2011.

ASSMANN, Alice Beatriz. Para além dos ringues: vestígios da história do boxe Sul-Rio-Grandense (1920 e 1960). **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro (RJ), v.10, n.2, 2014.

BRAGA, William dos Santos. Judô: meio para superação e alcance de metas. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), n.1, 2012.

BRITO, Ciro José. Mensuração de reposição hídrica durante o treinamento de judô. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.15, n.2, 2007.

BRITO, Igor Surian de Sousa, et al.. Caracterização das práticas e hábitos de hidratação em lutadores brasileiros de jiu-jitsu. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 6, 2007.

CARNEIRO, Israel de Paiva Arbués. Vo2máx de judocas estimado pelo teste de Cooper nas faixas marrons e pretas do Distrito Federal. **Educação Física em Revista**. Brasília (DF), v.2, n.3, 2008.

CARIDE, José Ricardo Soto. Três meses de prática de tai-chi-chuan melhoram o equilíbrio de pessoas maiores de 60 anos: estudo prático. **Fitness & Performance Journal**. Rio de Janeiro (RJ), v.7, n.5, 2008.

CASTRO, Eliane Aparecida de, et al.. Análise de variáveis antropométricas e de desempenho motor de atletas femininas participantes do campeonato brasileiro das ligas de judô. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 6, 2007.

CASTRO, Eliane Aparecida de, et al.. Comparação entre dois métodos de treinamento para aprimoramento da flexibilidade em judocas da associação atlética acadêmica – LUVE/UFV. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 7, n. 2, 2008.

CAVAZANI, Reinaldo Naia. O técnico de judô: um estudo comparativo após 10 anos da regulamentação da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília (DF), v.21, n.3, 2013.

CAZETTO, Fabiano Filier. Judô e esporte dos mais jovens: os pais no cenário competitivo. **Conexões**. Campinas (SP), v. 8, n. 1, 2010.

CAZETTO, Fabiano Filier. A competição de judô dos mais jovens: o discurso dos responsáveis pelas agremiações. **Conexões**. Campinas (SP), v. 8, n. 2, 2010.

CAZETTO, Fabiano Filier. Publicações sobre lutas e artes marciais em congressos de iniciação científica. **Conexões**. Campinas (SP), v. 8, n. 2, 2010.

CAZETTO, Fabiano Filier. Lutas e artes marciais na escola: “das brigas aos jogos com regras” de Jean-Claude Olivier [Porto Alegre: artemed, 2000]. **Motrivivência**. Florianópolis (SC), n.31, 2008.

CAZETTO, Fabiano Filier. Jiu-jitsu brasileiro e vale-tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de lutas e artes marciais. **Motrivivência**. Florianópolis (SC), n.34, 2010.

CIRINO, Carolina. Sistematização dos conteúdos das lutas para o ensino fundamental: uma proposta de ensino pautada nos jogos. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), n.9, 2013.

CORREIA, Walter Roberto. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.16 n.1, 2010.

COSTA, Alisson Vieira. Defesa pessoal e metodologia de ensino: um estudo com professores de artes marciais da cidade de São Luís. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), n.1, 2012.

COSWIG, Victor Silveira. Respostas bioquímicas, hormonais e hematológicas a lutas de jiu-jitsu brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília (DF), v.21, n.2, 2013.

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo. Resignificações do ambiente competitivo no judô: aproximações pela abordagem crítica. **Corpo e Movimento**. Catanduva (SP), v.1, n.1, 2008.

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo. Análise morfo-funcional de praticantes de brazilian jiu-jitsu e estudo da temporalidade e da quantificação das ações motoras na modalidade. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal (SP), v.7, n.10, 2007.

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo. Mixed martial arts: rotinas de condicionamento e avaliação da aptidão física de lutadores de Pelotas/RS. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis (SC), v. 35, n.3, 2013.

DIAS, Jonathan Ache. Efeito da prensão manual sobre o equilíbrio de judocas. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.17 n.2, 2011.

DRIGO, Alexandre Janotta. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.15 n.2, 2009.

FABRINI, Sabrina Pinheiro. Práticas de redução de massa corporal em judocas nos períodos pré competitivos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.24, n.2, 2010.

FERNÁNDEZ, Eduardo Caballeira. Análise dos efeitos agudos do enfrentamento no judô, através do estudo da associação entre parâmetros metabólicos e mecânicos. **Fitness & Performance Journal**. Rio de Janeiro (RJ), v.7, n.4, 2008.

FERNANDES, Vera. “Menina de ouro” e a representação de feminilidades plurais. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.20, n.4, 2014.

FERRATONE, Silvana. Lutas e artes marciais na escola: um relato de experiência sobre o aprofundamento nos conteúdos. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal (SP), v.11, n.17, 2010.

FERREIRA, Fernando Dandoro Castilho. O ‘kung fu’ no Brasil na perspectiva dos mestres pioneiros: problemas e perspectivas no uso da história oral como instrumental de análise. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.28, n.1, 2014.

FERREIRA, Luciana. Influência das características antropométricas sobre o impulso e tempo de execução do chute giro dorsal do karatê. **Revista da Educação Física**. Maringá (PR), v.25, n.1, 2014.

FERREIRA, Luciana. Tendências, estratégias e enfoques epistemológicos da produção científica do karatê. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.21, n.1, 2013.

FETT, Carlos Alexandre. Filosofia, ciência e a formação do profissional de artes marciais. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.15 n.1, 2009.

FONSECA, Joel Maurício Corrêa. Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de Educação Física escolar em Pelotas, Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**. Goiânia (GO), v.16, n.2, 2013.

FRANCHINI, Emerson. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.25, 2011.

FROSI, Tiago Oviedo. Repensando a historia do karate contada no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.25, n.2, 2011.

FROSI, Tiago Oviedo. Os primórdios da prática do wu-shu / kung fu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1970-1990). **Revista da Educação Física**. Maringá (PR), v.22, n.3, 2011.

GALATTI, Larissa Rafaela. Pedagogia do esporte e competição infantil: análise e proposições a partir do karatê de contato. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal (SP), v.8, n.11, 2007.

GARCIA, Roberto Alves, et al.. Práticas e representações sobre o nível kodansha no judô fluminense. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 12, n.2, 2013.

GASPAROTTO, Guilherme da Silva. Produção científica nacional sobre o ensino de lutas no ambiente escolar: estado da arte. **Conexões**. Campinas (SP), v. 11, n. 4, 2013.

GERMANO, Rafael Ribeiro. Prevalência de lesões e perfil dos estados de humor dos lutadores amadores de jiu-jítsu. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.22, n.2, 2014.

GONÇALVES, Arisson Vinicius Landgraf. Arte marcial e esporte: um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de Pelotas – RS. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.18, n.2, 2012.

GONÇALVES, Arisson Vinícius Langraf. Artes marciais e lutas: uma análise da produção de saberes no campo discursivo da Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis (SC), v. 35, n.3, 2013.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. Judô paraolímpico: comparações e reflexões sobre as realidades de diferentes seleções femininas. **Conexões**. Campinas (SP), v. 9, n. 2, 2011.

GOMES, Nathalia Chaves. O conteúdo das lutas nas séries iniciais do ensino fundamental: possibilidades para a prática pedagógica da Educação Física escolar. **Motrivivência**. Florianópolis (SC), n.41, 2013.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.16, n.2, 2010.

GRESPLAN, Carla Lisboa. Fallon fox: um corpo *queer* no octógono. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.20, n.4, 2014.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Estímulos à pesquisa histórica sobre o caratê-dô: Shotokan's Secret, de Bruce D. Clayton. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.20, n.4, 2014.

LAGE, Victor. Karatê-do como própria vida. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.13 n.1, 2007.

LEANDRO, Rafael Câmara. O caratê como ferramenta de melhoria das relações interpessoais entre alunos do ensino fundamental. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 10, n.4, 2011.

LINCK, Bruno. Resenha do livro “Filho teu não foge a luta: como lutadores brasileiros transformaram o mma em um fenômeno mundial”, escrito por Fellipe Awi, Editora Intrínseca, 2012. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.19, n.4, 2013.

LISE, Riqueldi Straub. “A legenda dos Gracie”: uma análise da crônica de Nelson Rodrigues. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.20, n.4, 2014.

LIMA, Leandro de Lorenço. Efeitos da perda rápida de peso em atletas de combate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis (SC), v. 35, n.1, 2013.

LOPES, Yúri Márcio e Silva. A ação-reflexão-ação dos saberes docentes dos mestres de karatê: construindo indicadores para a transformação da prática pedagógica. **Revista da Educação Física**. Maringá (PR), v.25, n.1, 2014.

LOURENÇO FILHO, Armando. Pedagogia do esporte aplicada às lutas. **Conexões**. Campinas (SP), v. 8, n. 3, 2010.

MACHADO, Adriano Pinheiro. A prevalência de lesões no Jiu-Jitsu de acordo com relatos dos atletas participantes dos campeonatos mundiais em 2006. **ConScientiae Saúde**. São Paulo (SP), v.11, n.1, 2012.

MACHADO, Susane Moreira. Estudo comparativo de variáveis isocinéticas do joelho em atletas de taekwondo e kickboxing. **Fitness & Performance Journal**. Rio de Janeiro (RJ), v.8, n.6, 2009.

MAGNO, Erick Ribeiro Goulart; KOCIAN, Rafael Castro. Hapkido como ferramenta de socialização. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 11, n.1, 2012.

MALDONADO, Daniel Teixeira. As três dimensões do conteúdo na Educação Física: tematizando as lutas na escola pública. **Conexões**. Campinas (SP), v.11, n. 4, 2013.

MANGIA, Peter Lanes. O karate-do como instrumento de intervenção pedagógica junto a alunos portadores de necessidades educacionais especiais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 11, n.4, 2012.

MARIANTE NETO, Flavio Py. Esportes de combate: um panorama sociocultural. **Caderno de Educação Física**, Marechal Rondon (PR). v. 8, n. 14, 2009.

MARQUES JUNIOR, Nelson Kautzner. Karatê shotokan: pontos dos golpes durante o kumitê de competição masculino. **Ulbra e Movimento**. Ji-Paraná (RO), v.2, n.1, 2011.

MARQUES JUNIOR, Nelson Kautzner. Sugestão do mawashi geri do karatê shotokan com embasamento da biomecânica. **Movimenta**. Goiânia (GO), v.4, n.1, 2011.

MARTINS, Ana Cláudia Vieira. Análise cinemática da técnica gyaku-zuki do jion kata no karatê. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.20, n.3, 2012.

MARTINS, Carlos José. Bujutsu, budô, esporte de luta. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.16 n.3, 2010.

MASSA, Marcelo. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.24, n.4, 2010.

MATOS, Felipe de Oliveira, et al.. Percepção subjetiva de estresse e recuperação de atletas de judô ao longo da preparação esportiva. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), Vol. 10, n.3, 2011.

MAZZOCANTE, Raffaello Pinheiro. Validade do teste de corrida de 1600m em estimar o Vo2máx em praticantes de jiu jitsu. **Educação Física em Revista**. Brasília (DF), v.5, n.2, 2011.

MELLO, Juliano de Andrade, et al.. Análise cinesiológica no judô: fases tsukuri e kake da técnica de projeção “ippon seoi nague”. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v.6, n.2, 2007.

MELO, Alessandra Alves de. As lutas nas aulas de Educação Física escolar. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), n.1, 2012.

MELO, Sebastião Iberes Lopes. Ukemi: quantidade, ritmo e distribuição nas sessões de treinamento de judô. **Fitness & Performance Journal**. Rio de Janeiro (RJ), v.8, n.4, 2009.

MELONI, Pedro Henrique Santos, et al.. Análise morfológica dos atletas de judô participantes do campeonato mineiro – 2006 (Viçosa - MG). **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 6, 2007.

MELONI, Pedro Henrique Santos, et al.. Desempenho motor da equipe de karatê da associação atlética acadêmica – UFV/MG. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 6, n. 2, 2007.

MENDES, Lucas Cezar Vilela. Avaliação do componente aeróbio e anaeróbio em atletas da seleção estudantil de judô do Distrito Federal. **Educação Física em Revista**. Brasília (DF), v.4, n.1, 2010.

MIRANDA, Fernanda de Alvarenga. O mma no Brasil: um panorama da modalidade. **Esporte e Sociedade**. Niterói (RJ), n.20, 2012.

MOLINERO, Miriam, et al.. Mulher & muay thai: um relato de uma das pioneiras no Rio de Janeiro. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 9, n.2, 2010.

MORTATTI, Arnaldo Luiz. Efeitos da simulação de combates de muay thai na composição corporal e em indicadores gerais de manifestação de força. **Conexões**. Campinas (SP), v. 11, n. 1, 2013.

NASCIMENTO, Elizabeth Oratina dos Santos, et al.. Análise do tempo de reação entre ginastas e judocas: habilidades abertas versus fechadas. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 9, n.5, 2010.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do. Organização e trato pedagógico do conteúdo de lutas na Educação Física escolar. **Motrivivência**. Florianópolis (SC), n.31, 2008.

NAVARRO, Martina. Análise do sistema de validação de pontos no ‘‘Taekwondo’’. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.22, n.3, 2008.

NUNES, Alexandre Velly. As origens do judô brasileiro: a arvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.26, n.4, 2012.

OLIVEIRA, Thiago de Sá. Frequência de lesões osteomioarticulares em praticantes de judô. **Fitness & Performance Journal**. Rio de Janeiro (RJ), v.7, n.6, 2008.

OLIVEIRA, Leandro Marques de. Simetria intermembros no desempenho do chute mae-geri do karatê. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília (DF), v.16, n.4, 2008.

OLIVEIRA, João Roberto Ventura de. Efeitos da demonstração tátil-cinestésica na aprendizagem do golpe tai otoshi do judô em indivíduos com deficiência visual: dados preliminares. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.19, n.3, 2011.

OLIVEIRA NETO, José Fernandes de; CAMPOS, Luiz Antônio Silva. Análise da ocorrência de contusões traumáticas no taekwondo no contexto da competição esportiva. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 12, n.4, 2013.

OLIVIO JUNIOR, José Alfredo. Modelação competitiva dos aspectos temporais em lutas de judô na classe juvenil. **Saúde em Revista**. Piracicaba (SP), v.11, n.28/29, 2009.

PARREIRAS, Lilian Aparecida de Macedo. Análise da percepção de qualidade de vida de atletas da seleção brasileira de judô. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.15, n.1, 2007.

PASQUALOTO, Bruno Bohm, et al.. Aprendizagem dos golpes de judô o soto gari e tai otoshi, comparando a prática em blocos e randômica. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 10, n.4, 2011.

PASSOS, Daniella de Alencar. As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.20, n.3, 2014.

PAZ, Gabriel Andrade. Preensão manual entre membro dominante e não dominante em atletas de alto rendimento de judô. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa (MG), v.22, n.2, 2014.

PIEMONTEZ, George Roberts. Cinemática do chute semiarticular no karatê: comparação entre as fases de ataque e retorno. **Revista da Educação Física**. Maringá (PR), v.24, n.1, 2013.

PIMENTA, Thiago. A constituição de um subcampo do esporte: o caso do taekwondo. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.15, n.1, 2009.

RIBAS, Marcelo Romanovitch, et al.. Flexibilidade como preditora de performance em campeonatos de karatê kata shubu-dô ryu. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 9, n.4, 2010.

RIES, Lilian Gerdi Kittel. Sinais e sintomas de desordem craniomandibular em praticantes de Judô. **ConScientiae Saúde**. São Paulo (SP), v.9, n.2, 2010.

RIOS, Gleyson Batista. O processo de esportivização do taekwondo. **Pensar a Prática**. Goiânia (GO), v.8, n.1, 2005.

RODRIGUES, Rogério. Fazer kendo e pensar a educação do corpo. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.15 n.3, 2009.

ROSA, Rodrigo Ribeiro. Estudo da dinâmica da luta e a influência do golden score na preparação física de judocas de alto nível. **Conexões**. Campinas (SP), v. 6, n. 1, 2008.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. **Conexões**. Campinas (SP), v. 11, n. 1, 2013.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. O jiu jitsu brasileiro na visão dos não praticantes. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 9, n.2, 2010.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. A separação do conteúdo das ‘‘lutas’’ dos ‘‘esportes’’ na Educação Física escolar: necessidade ou tradição?. **Pensar a Prática**. Goiânia (GO), v.14, n.3, 2011.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo (SP), v.26, n.2, 2012.

SAMPAIO, Welington Barbosa. Estudo comparativo da pressão arterial pós-exercício entre o karate de contato e o karate tradicional. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília (DF), v.21, n.4, 2013.

SANT’ANA, Jader. Variáveis fisiológicas identificadas em teste progressivo específico para taekwondo. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.13 n.3, 2009.

SANTOS, Priscila Fernandes dos, et al.. Motivação de atletas junior de taekwondo: um estudo exploratório. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 8, n.1, 2009.

SILVA, Laryssa Thabyda Magalhães; AFONSO, Leandro dos Santos. Somatotipo de judocas femininas participantes do campeonato paulista sênior de 2008. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 8, n. 4, 2009.

SILVA, Iransé Oliveira, et al.. Efeito do treinamento do judô sobre a aptidão física relacionada à saúde em crianças e adolescentes. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v. 11, n.2, 2012.

SILVA, Luiz Henrique da. Produção científica no judô: da academia às academias. **Conexões**. Campinas (SP), v. 6, 2008.

SILVA, Bruno Victor Corrêa da. Testes físicos discriminam praticantes de Brazilian Jiu-Jitsu?. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília (DF), v.22, n.1, 2014.

SILVA NETO, Venceslau Rodrigues. Os benefícios da prática do karatê na vida dos idosos. **Educação Física em Revista**. Brasília (DF), v. 5, n.1, 2011.

SOUSA, Marcel Farias de. O caminho-via marcial no cinema japonês: estudos sobre a representação do budo em Sanshiro Sugata e Kuro Obi. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.19, n.2, 2013.

TAMBORINDEGUY, Aline Cavalheiro. Incidências de lesões e desvios posturais em atletas de taekwondo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis (SC), v. 33, n.4, 2011.

TEIXEIRA, Antonio Claudio Engelke Menezes. A filosofia da eficiência: esporte e violência no Gracie jiu jitsu. **Esporte e Sociedade**. Niterói (RJ), n.18, 2011.

THOMAZINI, Samuel Oliveira. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores (as) de mixed martial arts. **Pensar a Prática**. Goiânia (GO), v.11, n.3, 2008.

TRUSZ, Rodrigo Augusto. A evolução dos esportes de combate no currículo do curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.13, n.1, 2007.

UENO, Viviane Lopes Freitas. Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia. **Pensar a Prática**. Goiânia (GO), v.17, n.4, 2014.

VASQUES, Daniel Giordani. Mma e Educação Física escolar: a luta vai começar. **Movimento**. Porto Alegre (RS), v.19, n.4, 2013.

VIEIRA, Danilo Abdala; SOUZA, Mauro José de. O conteúdo lutas nas aulas de Educação Física nas escolas municipais da cidade de Uberlândia. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Editora Fontoura. Jundiaí (SP), v.5, nº 1, 2007.

YONEZAWA, Fernando Hiromi. Algo se move: um elogio filosófico-etico à prática do combate como arte e educação. **Motriz**. Rio Claro (SP), v.16 n.2, 2010.